

ADRIANA DE JESUS RIBEIRO FREITA

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO CULTURAL
NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a MARIA LUCIA M. CARVALHO VASCONCELOS.

São Paulo

2006

ADRIANA DE JESUS RIBEIRO FREITA

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO CULTURAL
NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em junho de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Gracinda Queluz Garcia
Universidade Ibirapuera

Prof^a Dr^a Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a Dr^a Regina Helena Pires de Brito
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Aos meus pais e irmãos, que sempre acreditaram em mim e ao meu querido Fernando, por sua compreensão e apoio em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre nos amparou, pensando em todos os pequeninos detalhes, dando-nos força e coragem para alcançar mais esse objetivo.

Ao meu marido, pelo carinho e dedicação que sempre demonstrou em todos os momentos.

Aos meus pais e irmãos, pela torcida, pelo apoio, por suas orações e pela força na mudança!

À Prof^a Dr^a Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos, pela competência e seriedade, com que nos conduziu à conclusão deste trabalho, fazendo-nos acreditar que era possível.

À Prof^a Dr^a Regina Helena Pires de Brito, pelo grande apoio no início desta jornada e pela importante colaboração para sua finalização.

À Prof^a Dr^a Ana Gracinda Queluz Garcia, por seu exemplo de vida e por suas sugestões que colaboraram imensamente no direcionamento desta dissertação.

Of the several meanings of culture, two are of major importance for us: culture as *everything* in human life and culture as the *best* of everything in human life.

H. Douglas Brooks

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar a relevância do estudo do contexto cultural no ensino de língua estrangeira por meio de levantamento bibliográfico, consultando autores que estudam o assunto, entre eles, Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, e da pesquisa qualitativa.

O presente estudo aborda a inter-relação entre cultura, educação e linguagem, apresentando, ainda, a análise de entrevistas com profissionais da área de idiomas e dois modelos de aulas que consideram a abordagem do contexto cultural como pano de fundo para a sugestão de trabalhos com alunos de língua inglesa.

Palavras-chave: cultura, língua estrangeira, ensino, educação, linguagem.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to investigate how relevant the cultural context in foreign language is. It is mainly based on Paulo Freire and Mikhail Bakhtin ideas, as well as some other authors in the knowledge area.

This research presents the relation among culture, education and language. It analyses some interviews with foreign language teachers and suggests two classes models which develop cultural context in English language teaching.

Key-words: culture, foreign language, teaching, education, language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 - CULTURA E EDUCAÇÃO.....	15
CAPÍTULO 2 - CULTURA E LINGUAGEM.....	39
CAPÍTULO 3 - LEVANTAMENTO DE DADOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	54
CAPÍTULO 4 - CONTEXTO CULTURAL E SALA DE AULA.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO

Há vários anos, especialistas no estudo de línguas discutem qual a importância do contexto cultural no aprendizado de um idioma estrangeiro, tais como Brown (2001), Krashen (1987), Harmer (2001). Suas pesquisas mostram que se o ensino de uma língua estrangeira basear-se apenas na repetição mecânica de exemplos fixos retirados de livros, apostilas, ou de diversos materiais didáticos existentes no mercado, a comunicação torna-se muito limitada e artificial, uma vez que seguirá apenas padrões rígidos que não serão capazes de acompanhar o movimento vivo e dinâmico da língua. É necessário buscar o equilíbrio entre prática, teoria e vivência, para que a comunicação plena e efetiva seja alcançada.

Todas as metodologias de ensino de língua estrangeira possuem o objetivo comum de conduzir o aluno à comunicação efetiva na língua estudada. Para tanto, é imprescindível que o aluno note a diferença entre os usos e os costumes de outras culturas para compreender suas formas e expressões lingüísticas e o contexto correto de cada uso.

Dentre as várias metodologias disponíveis para o ensino de idiomas, aquelas que incentivam o conhecimento do contexto cultural e dos costumes de um determinado povo, falante da língua estudada, são as que atingem com melhor qualidade e maior sucesso o processo de comunicação, pois proporcionam ao aluno uma compreensão melhor da realidade que circunda esse processo e capacita-o a lidar

com as diferenças culturais que, se não são compreendidas e estudadas, podem prejudicar extremamente o entendimento entre receptor e transmissor.

Segundo a teoria de Krashen (1987), as metodologias podem ser divididas em dois grandes grupos: Aprendizado da Língua e Aquisição da Língua.

Os métodos que têm como base a teoria Aprendizado da Língua possuem o objetivo de transmitir informações de modo que estas sejam apenas memorizadas e não realmente assimiladas intrinsecamente. Enfatiza-se a teoria e esquece-se de efetivar a prática. Essas metodologias, também, demonstram excesso de preocupação com a forma, reprimindo todo e qualquer tipo de desvios de linguagem; desta maneira, cria-se uma grande ênfase no “erro”, o qual pode desenvolver no praticante um bloqueio na espontaneidade, comprometendo a assimilação da língua estrangeira de maneira natural e comprometendo o processo de comunicação efetiva. Neste modelo, o aluno aprende a língua e suas regras gramaticais; no entanto, a comunicação fica prejudicada, no momento em que se depara com frases e expressões idiomáticas, que possuem forte peso cultural e que fogem às regras da norma culta. Por esse motivo, quando precisa expressar algum sentimento ou pensamento mais complexo, acontece uma barreira extremamente difícil de transpor, ocasionando um bloqueio e, portanto, a quebra do processo de comunicação plena (KRASHEN, 1987, p. 12).

Nos métodos que têm como base a teoria da Aquisição da Língua, a assimilação da língua estrangeira acontece de maneira mais intuitiva, permitindo que o praticante se sinta parte do processo de aprendizagem. Este processo incentiva a comunicação de

forma mais criativa, na qual sua própria realidade faz parte do contexto da aula. Cercado por situações reais de interação em ambientes da cultura estrangeira, o aluno desenvolve sua autoconfiança sendo capaz de expressar e defender seus pensamentos com espontaneidade. Neste momento, o aluno reconhece-se como protagonista, como praticante da língua e o professor como facilitador e orientador no ensino-aprendizagem, facilitando, portanto, o processo de comunicação plena que passa a ser o maior objetivo alcançado. Assim, esse processo comunicativo pode ser muito mais rápido e eficaz quando se tem consciência das diferenças e busca-se entender determinadas expressões lingüísticas no contexto específico de uma cultura (KRASHEN, 1987, p. 13).

É importante notar que o ensino do contexto cultural é trabalhado em ambos os processos. Não importa qual a metodologia utilizada para o ensino de língua estrangeira, a contextualização e a identificação dos valores da cultura estrangeira são tratadas como partes integrantes e extremamente necessárias para o aprendizado de outro idioma.

Esta dissertação tem como foco a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira. A necessidade de aprofundar conhecimentos sobre o tema surgiu ao longo de anos de trabalho dedicado à docência de língua inglesa e em discussões sobre o assunto com professores que lecionavam línguas estrangeiras.

Com este estudo, pretendemos responder à problemática da relevância do ensino do contexto cultural no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Para tal tarefa, basear-nos-emos nos fundamentos da pesquisa qualitativa, que possibilita a análise de dados variados de forma aprofundada, uma vez que permite compreender um conjunto de competências dos indivíduos entrevistados. Esses indivíduos, neste caso, serão representados por profissionais que atuam em instituições de ensino e que trabalham com o ensino de língua estrangeira especificamente.

A pesquisa qualitativa deve observar “a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes” (LUDKE e ANDRE, 2004, p. 13).

Pretendemos, portanto, investigar a relevância do estudo do contexto cultural no ensino de língua estrangeira por meio de levantamento bibliográfico, consultando autores que estudam o assunto. Paralelamente, ao longo da pesquisa, realizamos estudos reflexivos sobre os fundamentos teóricos do campo da cultura, educação e linguagem baseados, sobretudo, em Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Utilizamos, ainda, a técnica de entrevistas semi-estruturadas para entrevistar profissionais da área, com o objetivo de observar como tal tema é visto e trabalhado por educadores que atuam nesse segmento.

Para compreendermos melhor a relevância do estudo do contexto cultural no ensino de língua estrangeira, o primeiro capítulo se propõe a observar alguns conceitos sobre cultura, suas implicações no âmbito da educação e o posicionamento de alguns autores sobre o assunto.

No segundo capítulo, trabalhamos alguns conceitos sobre a inter-relação entre cultura e linguagem, a relevância do contexto cultural no estudo de língua estrangeira e no processo de comunicação em geral.

O terceiro capítulo traz a metodologia privilegiada e as análises das entrevistas realizadas, cujas transcrições constarão nos anexos. As questões foram formuladas com o intuito de colher dados da realidade pesquisada e o maior número de informações possível sobre a relevância do ensino da cultura no ensino de línguas estrangeiras. Investigamos a relevância do ensino do contexto cultural no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira e como, conscientemente, o professor pode facilitar e orientar o praticante, tanto iniciante como avançado, para melhor desenvolver a habilidade de comunicação em outro idioma.

Após a coleta das entrevistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas, foi feita a análise, baseada nos fundamentos teóricos estudados e a prática realizada em campo, desenhando a trajetória vivenciada no processo, e descrevendo os resultados obtidos por meio de considerações e sugestões.

O quarto capítulo traz, como sugestão, dois modelos de aulas por nós utilizados. O objetivo principal desse capítulo é demonstrar, por meio de exemplos práticos, como o contexto cultural no ensino de língua estrangeira pode ser trabalhado com o aluno.

CAPÍTULO 1

CULTURA E EDUCAÇÃO

“Nada sobre a sociedade, a língua, a cultura ou a alma humana é simples: onde quer que haja seres humanos, há atividade; e os atos humanos são processos e os processos são dialéticos”

Ann E. Berthoff¹

Os estudos sobre o contexto cultural, no ensino de línguas estrangeiras, têm avançado muito nos últimos tempos. É impossível dissociar o contexto cultural e o ensino, porque ambos possuem como base para sua essência o ser humano, seus comportamentos, suas idéias e emoções.

O termo “cultura”, em geral, não possui uma única definição, na verdade, este é um termo que engloba uma idéia geral de tudo o que é produzido por uma comunidade. Podemos considerar elementos como linguagem, música, religião, dança, moda, gastronomia e artes em geral, para representar o universo cultural de um determinado

¹ apud FREIRE, 1990, p. 14.

povo ou sociedade. Por esse motivo, vamos examinar algumas de suas definições para melhor compreendermos seu uso no campo do ensino de línguas estrangeiras.

Uma das primeiras definições encontradas na história da humanidade, segundo Arendt (1968), é o uso da palavra cultura para referir-se à agricultura. A palavra cultura origina-se do latim *colere* – cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar – por esse motivo, seu primeiro emprego foi na área da agricultura, na arte de cultivar a terra, sendo que, mais tarde, recebe conotações artísticas e passa a ser utilizada não

culturais, referindo-se às atividades que são geralmente usadas para estimular o intelecto, no sentido abrangente das manifestações artísticas e da produção intelectual do homem (WILLIAMS, 2000, p. 10).

Bennett (1993) caracteriza dois tipos de culturas: a cultura objetiva e a cultura subjetiva. A cultura objetiva, segundo o autor, é representada pelas manifestações produzidas pela sociedade em diversas áreas: literatura, música, ciência, arte, língua, etc; já a cultura subjetiva é representada pelas manifestações abstratas da sociedade: valores e crenças, os quais podem refletir o uso da língua em uma perspectiva intercultural de modo a promover diferentes formas de interação entre falantes e ouvintes. Tais valores e crenças fazem parte da própria competência comunicativa dos falantes que se manifestam durante o momento de interação social (apud, SANTOS, 2003, p. 20).

O sociólogo Williams (2000) faz uma descrição cronológica dentre as várias possibilidades de definição. Para ele, os primeiros registros referem-se à cultura como o cultivo de vegetais e à criação de animais, como vimos anteriormente. Somente no final do século XIII é que o termo começou a ser usado para referir-se ao modo de vida global de um determinado povo. No século XIX, a palavra começou a ser utilizada no plural *culturas*, para fortalecer as características individuais que cada povo ou nação exercem sobre si mesmos e sobre outras civilizações.

Ainda segundo Williams (2000), na segunda metade do século XX, a Sociologia da Cultura desenvolve seus estudos baseada em duas posições, classificadas como

idealista e materialista. A primeira posição enfatiza a abrangência da cultura como uma espécie de força formadora de um modo de vida único e global de um determinado povo, que é manifesto por meio das atividades sociais (linguagem, arte, trabalhos intelectuais, etc). A segunda posição defendida baseia-se na força materialista, que aponta a existência de uma ordem social e global de um determinado povo, que enfatiza especificidades e produtos culturais (estilos de arte, tipos de trabalhos culturais, etc). Ambas as posições possuem interesses de grande valor local na vida cotidiana de determinado povo (p.11).

Atualmente, os estudos da Sociologia da Cultura continuam baseando-se nessas duas linhas; no entanto, é possível diferenciar a prática cultural da produção cultural. A prática cultural possui um sistema de significações bem definido para um determinado povo, como por exemplo, o uso da cor preta por países ocidentais para representar o luto e, opostamente, o uso da cor branca para representar o luto em alguns países orientais. Esse tipo de manifestação cultural pode ser entendida como um tipo de formação coletiva e anônima de um determinado grupo social. A produção cultural, também, pode ser considerada como uma forma de manifestação cultural com o sentido mais especializado; no entanto, com significações mais generalizadas, que podem incluir desde as formas de produção consideradas mais tradicionais, como a arte e a música, como também outras áreas como a moda e a publicidade. A cultura de um povo pode ser observada tanto no modo rústico de cozer um alimento (prática cultural), quanto na manifestação artística de uma canção popular (produção cultural) (WILLIAMS, 2000, p. 12).

Dentre todas estas definições do termo cultura, a que mais nos interessa, no âmbito do estudo de língua estrangeira, é o emprego da palavra referente ao modo de vida característico de um povo, seus usos e costumes bem como a abrangência das manifestações peculiares de sua vida cotidiana, que englobam desde a língua que falam, o tipo de linguagem que utilizam em determinadas situações, sua produção artística e intelectual.

Paulo Freire (1983) define cultura como tudo o que é criado pelo homem, para ele “o homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos [...] a cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo por que tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo” (p. 30-31).

Como sociólogo e educador, Freire (1990) enfatiza, por meio de suas idéias e de sua própria história de vida, o quão imprescindível é o ato de conduzir pessoas ao entendimento de sua cidadania, de seu espaço na sociedade. Ele delega a nós, educadores, a tarefa de fazermos uso de uma “pedagogia crítica”, a qual possui um caráter emancipador, libertador e tem, como princip

Federal de Belo Horizonte. O debate foi iniciado por uma senhora, com seus aparentes 60 anos, líder de uma tribo indígena brasileira, que discursava sobre como seu povo havia lutado bravamente durante séculos de exploração e que sua luta atual era para que adquirissem o direito de aprender uma nova língua estrangeira, o inglês, para que pudessem negociar com representantes de empresas internacionais sem a necessidade de um intérprete e, assim, poder expressar melhor, e com mais segurança, suas próprias idéias e interesses comunitários. Durante o debate, a oposição alegou-se que as tribos indígenas não dominavam nem mesmo a língua oficial do país, o português, não havendo, portanto, razão para aprenderem uma segunda língua. Esse episódio conduziu-me à reflexão: a senhora havia desenvolvido a consciência de sua própria realidade e do mundo em que estava inserida, juntamente com seu povo, por meio da língua oficial do país. Sua principal luta, a partir daquele ponto, era a de adquirir ferramentas para transformar sua realidade social, que, até aquele momento, lhe era injusta. A senhora e sua tribo conheciam bem a língua portuguesa, a ponto de discursarem sobre sua realidade, buscando o que necessitavam para alterar o estado em que se encontravam. Infelizmente, vários doutores e educadores, ali presentes, não compreenderam o que foi exposto naquele congresso: a sede de aprofundar e ampliar o entendimento de mundo para desenvolver a consciência de um grupo de indivíduos cada dia mais ativos em sua sociedade.

Infelizmente, para muitas pessoas, o aprendizado de línguas estrangeiras ainda é encarado, em nossa sociedade, como sinônimo de status e de privilégio de/e para poucos poucos. O fato de uma tribo indígena, não falar o idioma oficial de maneira acurada e culta, não deveria ser considerado impedimento para que tais pessoas

pudessem se interessar em aprender uma língua estrangeira, não importando qual fosse o motivo para que essa decisão fosse tomada.

A senhora mencionada acima, em sua simplicidade, compreendeu a importância de se dominar um outro idioma, de ser capaz de compreender seu papel de cidadã defensora de seus interesses e de sua comunidade. Seu português não observava todas as regras gramaticais exigidas pela academia, mas com toda a certeza, aquela senhora, representante de seu povo, tinha a consciência de que ler o mundo, e seu papel no mundo, era tão ou mais importante do que simplesmente ler a palavra.

[...] os alunos assumem uma postura crítica na medida em que compreendem como e o que constitui a consciência do mundo [...] Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo (FREIRE, 1990, p.31).

Para Freire (1990), “A língua também é cultura. Ela é a força mediadora do conhecimento; mas também é, ela mesma, conhecimento” (p. 35). Conhecer profundamente uma língua significa considerar os aspectos da sociedade falante dessa língua e, ao reconhecê-los, desperta-se para uma análise crítica dessa mesma sociedade e de si mesmo.

Para o ensino de língua estrangeira, os aspectos culturais da sociedade falante da língua estudada devem ser levados em consideração no momento da aula. A compreensão e a assimilação do contexto cultural são muito importantes para que a

aprendizagem seja bem sucedida. A aula de língua estrangeira não deve ficar limitada ao estudo da gramática, de maneira mecânica e passiva. O educador deve sempre buscar elementos culturais que despertem a curiosidade em seu aluno e que sirvam para reforçar o sentido do objeto estudado, buscando sempre utilizar exemplos baseados no mundo real, ligados ao cotidiano do aluno e da sociedade em que está inserido.

Para auxiliar o educador na tarefa de trazer elementos culturais para a sala de aula, os materiais didáticos que abordam o aspecto cultural do ensino de línguas têm se multiplicado nos últimos anos. A maioria dos livros possuem CD-ROMs e vídeos, existem também vários *sites* da Internet com atividades que abordam aspectos culturais, tais como hábitos alimentares, referências turísticas, etc. No entanto, mesmo com toda essa gama de ofertas, podem existir algumas barreiras que prejudicam o trabalho do educador para a abordagem cultural no ensino de línguas.

Dentre as barreiras que dificultam o trabalho docente, o primeiro obstáculo levantado por Hadley (2001) é a falta de tempo, já que os educadores possuem, normalmente, uma longa jornada de trabalho e, por isso, o tempo torna-se insuficiente para uma dedicação mais profunda para a pesquisa sobre o contexto cultural dos povos falantes da língua ensinada. Esse tipo de assunto demanda um elevado número de horas para a dedicação e a pesquisa (p.345).

O autor (2001) também defende que muitos educadores se enganam ao imaginar que os alunos terão contato com o universo cultural com o passar dos anos e

protelam a necessidade da pesquisa. No caso do Brasil, é ainda mais difícil que o aluno possa ter a possibilidade de aprofundar seus conhecimentos devido ao fato de que, a cada dia, as pessoas em geral precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo e, conseqüentemente, não têm tempo hábil, e, muitas vezes, condições financeiras para arcar com as despesas de uma viagem cultural ao exterior (p. 346).

O segundo obstáculo destacado por Hadley (2001) é o fato de que, muitas vezes, os educadores têm medo de abordar o aspecto cultural em suas aulas por sentirem que não estão devidamente preparados e que não dominam o assunto. Desta maneira, acomodam-se e limitam-se ao conteúdo dos materiais didáticos. Esse é o problema de se confundir o ensino da cultura com o ensino de fatos isolados, aqueles exemplos que são colocados nos livros. Esse limite poderá prejudicar os alunos no momento em que se depararem com situações culturais reais que não constavam dos livros estudados (p. 347).

A terceira dificuldade enumerada por Hadley (2001) é o fato de que o educador precisa lidar com as atitudes culturais de seus próprios alunos. A cada momento os alunos pensam e reagem a determinados assuntos sob o prisma de sua própria história e cultura social.

Compreender a variabilidade dos conceitos culturais “envolve pensamentos difíceis e relativistas nos quais as culturas diferem através da rede na qual a realidade é percebida” (apud NOSTRAND, 1989, p.190). Alunos freqüentemente alcançam o fenômeno da cultura em questão quando assumem que os novos padrões de comportamento podem ser compreendidos a partir dos padrões de sua própria cultura. Quando o fenômeno cultural difere do que eles esperavam, os alunos

reagem de maneira negativa, caracterizando a cultura daquele povo como “estranha” ou “esquisita” (HADLEY, 2001, p. 347).^{2*}

Hadley (2001) sugere alguns assuntos com temas culturais reais que possam ser pesquisados pelos educadores e inseridos durante as aulas: receitas gastronômicas, danças e músicas típicas, festivais, folclore, pontos turísticos, reportagens, política, etc.

Outro objeto importante que deve ser estudado e incorporados aos conteúdos das aulas é o fator sócio-cultural. É importante que o aluno saiba como reagir apropriadamente nas várias situações sociais, compreender e ser capaz de reconhecer certos tipos de comportamentos e atitudes específicas do povo falante da língua estrangeira estudada.

Não é somente no ensino de línguas estrangeiras que isto ocorre. Freire (1990) em seus estudos observa que o respeito à cultura de cada aluno é fator primordial no processo de ensino-aprendizagem. A pedagogia ideal não é aquela que dita as regras, mas aquela que possibilita a oportunidade de questionar e investigar qualquer tipo de assunto.

O modo como professores e alunos lêem o mundo, está totalmente ligado a formas de pedagogia que podem funcionar ou para silenciar e

² Understanding the variability of cultural concepts “must involve the difficult, relativistic insight that cultures differ in respect to the grid through which reality is perceived” (apud Nostrand, 1989, p. 190). Students often approach target-culture phenomena assuming that the new patterns of behavior can be understood within the framework of their own native culture. When cultural phenomena differ from what they expect, students often react negatively, characterizing the target culture as “strange” or “weird”. (HADLEY, 2001, p. 347)

* tradução nossa.

marginalizar os alunos ou para legitimar suas vozes, capacitando-os como cidadãos críticos e ativos. (FREIRE, 1990, p.19).

O educador deve buscar conduzir o aluno a enfrentar situações culturais reais, cotidianas e que, na maioria das vezes, são muito diferentes da sua própria realidade. Ao conduzir o aluno à compreensão de uma outra cultura, é preciso, antes de mais nada, ter-se em mente que é necessário compreender o seu próprio modo de vida, sua cultura nativa e pessoal. No entanto, este assunto deve ser discutido e analisado mais freqüentemente, com o objetivo de encontrar meios para que a pedagogia ideal seja realmente posta em prática, tanto no ensino de línguas estrangeiras, quanto no ensino de outras áreas.

O educador que tem como objeto de trabalho uma língua estrangeira precisa estar consciente de que é necessário ensinar aos alunos muito mais do que o domínio da norma culta. Os alunos necessitam compreender e dominar as estruturas lingüísticas de uma outra língua, mas também é preciso ensinar a cultura real da vida cotidiana daquele povo, suas habilidades sócio-políticas, seus usos e costumes procurando, sempre despertar no aluno sua própria consciência de cidadão e de autor de sua história.

Mesmo em uma sala que se proponha a estudar a língua materna, o educador deve ter uma visão mais ampla e verdadeira do uso da gramática. É necessário sempre ter em mente a forma pela que todos nós adquirimos nossa língua nativa: como todo o

falante tem a capacidade de fazer escolhas comunicativamente adequadas ao seu contexto socioeconomicocultural (NEVES, 2003, p.85).

Não podemos deixar de mencionar que, mesmo enfrentando a dura realidade de nossas escolas públicas, que muitas vezes lutam para manter suas crianças em sala de aula e com um aproveitamento razoável, ainda estamos muito longe do estado educacional ideal que todos nós educadores sonhamos em ter um dia; no entanto, devemos e precisamos acreditar que é possível melhorar e atingirmos níveis mais altos, se começarmos a despertar nossa consciência para a mudança (FREIRE, 1990, p. 35).

O educador precisa desenvolver a consciência sobre a realidade sócio-cultural de seu aluno, buscando meios de como despertar no estudante um desejo de conhecer a realidade que está a sua volta e a realidade do mundo exterior.

Freire (1983) afirma que cada educador deve ter consciência de seu dever de sempre conduzir os alunos a refletir sobre si mesmo e sobre a realidade do mundo a sua volta:

[...] os professores devem propiciar aos alunos a oportunidade de examinar diversas linguagens ou discursos ideológicos [...] para a identificação e a problematização das maneiras contraditórias e múltiplas de ver o mundo que os alunos usem para a construção de sua própria visão de mundo (FREIRE, 1983, p. 21-22).

Ao adquirir uma língua estrangeira, o aluno deve ser conduzido a observar as diversas opções dos diferentes contextos culturais que terá algum contato. As diferenças representam uma variedade cultural que precisa ser compreendida e respeitada. A percepção das diferenças é inevitável; no entanto, constituem uma excelente oportunidade para conduzir o aluno à reflexão sobre o seu próprio contexto cultural e do mundo em que está inserido. Cabe ao educador incentivar o respeito às diferenças culturais, para evitar a proliferação de preconceitos a um determinado povo ou cultura. É necessário que o professor esteja atento para conduzir o aluno a perceber que todas as culturas possuem valor específico para a comunidade da qual fazem parte. O educador deve contextualizar o ensino da língua estrangeira com o contexto cultural do país que a produziu.

[...] a aquisição de uma língua estrangeira faz com que o aprendiz participe de outros universos culturais. A relação entre os povos e países de culturas diferentes acontece, principalmente, por meio da linguagem. Assim sendo, o ensino da língua estrangeira precisa valorizar aspectos que caracterizam uma determinada região. As diferenças são inevitáveis; elas representam uma variedade de estereótipos que precisam ser apreciados, respeitados e, acima de tudo, preservados. (ESPÓSITO, 2002, p. 3-4).

O ensino de uma língua estrangeira deve ser encarado como um espaço para criar e desenvolver habilidades de comunicação em uma outra língua, que pertence a um universo cultural diferente do que aquele que conhece até o momento. Sem a inserção do contexto cultural em uma sala de aula, o aprendizado pode ficar comprometido, sendo encarado apenas como um simples amontoado de palavras sem

serventia, que não fazem sentido, e, portanto, não conseguem conduzir o aluno ao ato da comunicação.

Entretanto, não é possível para o educador consciente, aquele que busca desenvolver sua consciência sobre a importância do ensino do contexto cultural, deixar de lado o grave problema que, muitas vezes, é enfrentado em sala de aula: a falta de consciência por parte de nossos alunos sobre sua própria cultura, a cultura nacional ou regional do país. Ao observar a ausência desse tipo de consciência por parte do aluno, o educador precisa buscar meios de conduzir o aluno ao conhecimento e à análise crítica do mundo em que está inserido e da cultura que o cerca. Se essa consciência não for despertada, muito provavelmente, o ensino d

O conhecimento e o domínio cultural de sua própria língua permitem que cada indivíduo compreenda o grupo em que está inserido, e desenvolvam ferramentas que permitirão o conhecimento de outros grupos que os cercam e, que, podem, ou não, fazer parte de seu cotidiano. Os regionalismos, citados anteriormente, são um bom exemplo dessa diversidade cultural e lingüística que permeia a comunicação entre falantes de uma mesma língua.

Dessa mesma forma, a educação formal, que tem como objetivo maior o ensino da norma culta da língua, precisa aprender a respeitar o modo como os alunos de classes populares se comunicam, considerando que a produção lingüística é de natureza social e se dá sempre num processo de interação entre a norma culta e a norma popular (VASCONCELOS, 2004, p. 76).

Esse processo de interação entre a norma culta e a popular precisa abranger, também, o estudo e a compreensão da cultura de diversos povos. No caso do ensino de língua estrangeira, é realmente importante que o aluno tenha conhecimento tanto da norma culta como da norma popular para que possa compreender e se fazer compreendido pela sociedade em que está inserido, e também, para compreender como funcionam as diversas estruturas sociais de seu próprio país. Além disso, a compreensão do contexto cultural de outros povos pode auxiliar na compreensão da realidade de outras sociedades e os processos históricos que conduziram o passado a se tornar a realidade contemporânea. Essa compreensão pode conduzir a um processo de amadurecimento dos conceitos sociais e, conseqüentemente, a um maior respeito

pela cultura do outro. Quando se busca compreender a lógica interna de cada realidade cultural, pode-se compreender suas práticas e costumes (SANTOS, 2003, p.8).

Hadley (2001) destaca, a importância do ensino da cultura no aprendizado de língua estrangeira como melhor forma de compreender os aspectos que fazem parte da realidade sócio-cultural de um povo e os aspectos que ambos possuem em comum, para Hadley língua e cultura são indissociáveis: “[...] O estudo da língua é um componente essencial no currículo acadêmico, em parte porque pode conduzir a uma melhor compreensão da cultura-transversal e que língua e cultura são inseparavelmente entrelaçadas” (p.345).^{3*}

Hadley (2001) chama a atenção, ainda, para as notícias jornalísticas que tratam das grandes guerras étnicas e sociais em todas as partes do mundo, afirmando que estes fatores são evidências de que é necessário o estudo da cultura de outros países para o desenvolvimento da compreensão e de respeito ao próximo. (p.346).

Um outro ponto a ser repensado e analisado é como o contexto cultural pode ser trabalhado efetivamente em sala de aula.

O ato de ler deve ser considerado não somente como uma maneira de reforçar os conhecimentos de gramática ou de vocabulário, mas como um caminho para

³ [...] language study is an essential component [in] the curriculum, in part because it can lead to greater cross-cultural understanding, and that language and culture are inseparably intertwined (HADLEY, 2001, p. 345).

* tradução nossa

aprofundar discussões sobre a vida humana, sobre si mesmo, sobre o mundo. Tanto textos literários, quanto não-literários podem e devem ser usados nessa missão. Os alunos de línguas estrangeiras devem ser expostos a diferentes tipos de textos, do mais convencional ao mais particular, para que por meio das várias visões de mundo, possam ser capazes de discutir e formar sua própria opinião sobre os diversos assuntos.

É possível trabalhar em sala de aula um poema com a finalidade de discutir assuntos relacionados aos valores culturais de um povo. Por exemplo, o poema do escritor Robert Frost, intitulado *The Road not Taken*, que fala sobre uma estrada que se torna duas a partir de uma bifurcação⁴:

<p>The Road not Taken</p> <p>Two roads diverged in a yellow wood, And sorry I could not travel both And be one traveler, long I stood And looked down one as far as I could To where it bent in the undergrowth;</p> <p>Then took the other, as just as fair, And having perhaps the better claim, Because it was grassy and water wear;</p>	<p>A Estrada não percorrida</p> <p>Duas estradas convergiam em uma floresta amarela, E eu lamentei não poder viajar pelas duas E ao ser um único viajante, lá eu parei E olhei até o mais longe que pude Até onde só se via o mato depois de uma curva;</p> <p>Então escolhi a outra, assim me parecia melhor, Pois, talvez, chamasse mais a atenção Porque parecia gramada e fresca</p>
--	--

⁴ FROST, 1985, p. 270-271.

<p>Though as for that the passing there Had worn them really about the same,</p> <p>And both that morning equally lay In leaves no step had trodden black. Oh, I kept the first for another day! Yet knowing how way leads on to way, I doubted if I should ever come back.</p> <p>Shall be telling this with a sigh Somewhere ages and ages hence: Two roads diverged in a wood, and I – I took the one less traveled by, And that has made all the difference.</p>	<p>No entanto, cada caminho Parecia ter sido pisado da mesma maneira</p> <p>E ambos naquela manhã igualmente reclinavam-se Entre folhas que nenhum passo havia marcado. Oh, eu deixei o primeiro para outro dia! Mas já sabendo como caminhos conduzem a outros caminhos, Eu duvidei que algum dia voltaria...</p> <p>Devo dizer isso com um suspiro Em algum lugar anos e anos naquele momento: Dois caminhos divergiam em uma floresta, e eu – Eu peguei o menos viajado, E isso tem feito toda a diferença. *</p>
--	--

A análise e discussão desse poema podem levar à compreensão da temática das escolhas da vida, dos caminhos que cada um escolhe percorrer, da conotação das cores, ritmo, etc. Como em outros contextos culturais os jovens são incentivados a deixar a casa dos pais. É possível discutir o assunto no contexto brasileiro. Essa

* tradução nossa.

discussão pode ser direcionada para uma abordagem social e política da época em que o poema foi escrito, trazendo para uma reflexão para o mundo contemporâneo.

Em geral, os alunos, quando são expostos a atividades como essa, desenvolvem uma maneira mais profunda de analisar as mensagens culturais e as vozes sociais implícitas nos textos. Cada aluno tem a oportunidade de compreender o texto e as informações culturais e poéticas nele contidas, além de seu próprio conhecimento de mundo:

Por meio de uma leitura não estética, os alunos têm a oportunidade de desassociar sua resposta como um membro de sua própria comunidade nativa de sua resposta como um indivíduo com uma experiência de vida única. Construindo com o texto literário uma realidade diferente daquela dos textos de informação, os alunos têm acesso a um mundo de atitudes e valores, imaginários coletivos e do panorama histórico de referência que constituem a memória de um povo de uma determinada comunidade. Por isso, literatura e cultura são inseparáveis. (KRAMSCH, 2000: 175)⁵

Na maioria das vezes, a literatura carrega, em si mesma, fatores culturais de uma época, de um determinado povo, sua religião, seu modo de pensar e agir. Vários dados sociais e culturais são mostrados explícita ou implicitamente. É importante destacar, neste momento, que a literatura, como arte, não possui qualquer obrigação no sentido de verossimilhança; no entanto, pode ser utilizada como fonte de dados para ensinar a cultura de um povo. Ao se deparar com fragmentos de outra cultura, o leitor pode perceber-se, além de participante de uma comunidade específica, um indivíduo único, que participa da realidade que o cerca, e que pode ser capaz de compreender e interagir em culturas alheias.

⁵ tradução nossa.

Kurt Wootton⁶, educador norte-americano da Brown University (Providence), é diretor do projeto “ArtsLit” – que, traduzido quer dizer: Alfabetização pela Arte. O termo “alfabetização”, em seu projeto, é similar ao uso dado por Paulo Freire a esse termo no livro “Alfabetização – leitura do mundo, leitura da palavra”(1990). Valendo-se de recursos artísticos, como o teatro, a dança, a poesia e a interpretação, procura-se conduzir o aluno a um entendimento mais profundo de si mesmo, do outro e de sua realidade cotidiana. Nesse projeto, o aluno aprende a respeitar os valores do próximo e, conseqüentemente, a interpretação de mundo que cada pessoa faz diferentemente da sua. O aluno aprende a expor suas idéias e a organizar seus sentimentos. A comunidade na qual Wootton e sua equipe trabalha é formada de descendentes de latinos, negros, índios e asiáticos em sua maioria. No momento dos exercícios, as várias culturas ali representadas, no geral adolescentes, são abordadas de maneira transversal, mas, ao mesmo tempo, uniforme. Os exercícios promovem uma discussão, na qual cada aluno comenta o seu ponto de vista sobre o assunto debatido. Um exemplo prático pode ser encontrado no ensino de uma segunda língua, quando os alunos são conduzidos pelo educador a compreender um termo e não somente a traduzi-lo.

A título de ilustração, a expressão “my child has started to talk about flowers and bees”, se traduzida literalmente, seria “meu filho já começou a falar sobre flores e

⁶ Kurt Wootton é o diretor do projeto de ArtsLiteracy no departamento de educação da Brown University. Wootton ensina artes e coordena todos as áreas de desenvolvimento e organização, incluindo relacionamentos, entre a universidade Brown, os sistemas de escola pública, as artes e as instituições de educação internacional. Recentemente, Wootton tem preparado laboratórios de ArtsLiteracy em outros países, incluindo o Brasil, a República Dominicana e Porto Rico.

abelhas”. Traduzida dessa maneira, a expressão não faz sentido algum; no entanto, o enunciado, no contexto da língua inglesa, quer dizer que o filho já começou a fazer perguntas aos pais a respeito de sexo.

O educador, no ensino de línguas, tem a oportunidade de analisar e explorar profundamente, com seus alunos, a estrutura semântica de uma expressão idiomática. Explicar como as abelhas são responsáveis pela polarização das flores e como isso pode representar metaforicamente o ato sexual. A expressão também carrega o perfil conservador de um determinado povo, que possui tabus que dificultam a conversação deste tipo de assunto com os filhos, na própria sociedade, etc. Esse é o momento certo para se discutir acerca de nossa própria cultura e o posicionamento a respeito do assunto em questão.

Um outro exemplo seria o ditado popular: “Time is money”. Quais são as implicações políticas dessa frase? Como essas três palavras podem refletir aspectos econômicos contemporâneos? O processo de globalização? A velocidade das informações pela Internet? Os exemplos são inúmeros.

É preciso despertar nos educadores a consciência de que sua responsabilidade não é apenas a de cumprir o currículo que sua instituição lhe impõe, mas, acima de tudo, desenvolver habilidades de entendimento e de compreensão sócio-culturais, ampliando seus próprios conhecimentos e potencialidades e de seus alunos.

Alguns pesquisadores, como Seelye (1993), Hadley (2001), Kramsch (2000) e Lafayette (1988), defendem claramente o princípio de que, se a abordagem do assunto for feita de maneira instigante e objetiva, a compreensão sócio-cultural é, também, garantida.

Seelye (1993) afirma que o ideal no ensino da cultura é estabelecer objetivos específicos; dentre eles, seleciona 6 tópicos, que seriam abrangentes o suficiente para embasar o ensino intercultural:

- 1)desenvolver interesse por outra cultura e empatia pelo povo dessa cultura;
- 2)compreender que o modo como as pessoas falam, comportam-se, depende diretamente de variáveis sociais que são relevantes às próprias pessoas e ao papel que cada um desempenha na sociedade;
- 3)compreender que as pessoas pensam, agem e reagem às imagens de maneira culturalmente condicionada e que, para o desenvolvimento de uma comunicação efetiva, é necessário descobrir quais são essas imagens;
- 4)reconhecer que o comportamento é moldado mediante situações variáveis e convenções culturais;
- 5)compreender que as pessoas fazem uso das opções que a própria sociedade lhes oferece;
- 6)desenvolver a habilidade de explorar a cultura, informações locais e as evidências de uma variedade imensa de fontes e generalizações (p. 31).⁷

Para Seelye (1993) ao estabelecer objetivos específicos no ensino da cultura, descreve-se a cultura estudada a ponto de torná-la atrativa, para mostrar ao aluno como funciona o sistema cultural de cada povo e como cada sociedade reage a

⁷ (tradução nossa)

determinadas situações. Nesse sentido, é extremamente importante que a abordagem seja feita de maneira emocional-racional e não racional-emocional. Cada aluno é incentivado a reconhecer determinadas situações e atitudes sócio-culturais, compreendê-las e até mesmo explicá-las. Um filme específico, usado em sala de aula, não deve servir somente para que os alunos observem os comportamentos e costumes estrangeiros, mas sim para exemplificar o motivo pelo qual um povo se comporta de determinada maneira e qual o impacto social que isso cria no mundo no qual a ação está inserida.

Lafayette (1988), também, aborda o aspecto cultural no ensino de línguas estrangeiras, defendendo a importância de estabelecer critérios e objetivos muito claros para desenvolver no estudante a fluência não somente verbal, mas também cultural.

Sua teoria baseia-se em cinco categorias:

- 1)conhecimento de uma cultura formal, também nomeada como cultura dominante, que abrange o conhecimento geográfico, tais como monumentos, eventos históricos, instituições e fatos artísticos;
- 2)conhecimento de uma cultura diária, também chamada de cultura popular, que abrange a rotina das casas, tais como hábitos alimentares, organizacionais;
- 3)conhecimento sobre os objetivos afetivos comuns a uma determinada sociedade, tais como a valorização dos diferentes povos e sociedades;
- 4)conhecimento de objetivos multiculturais, incluindo a compreensão do objetivo da cultura relacionada aos grupos étnicos falantes de uma mesma língua, tanto nos Estados Unidos da América, quanto em países no quais os povos (não europeus) são falantes da mesma língua em diversos países espalhados pelo mundo;

5)conhecimento de objetivos processuais, que abrangem a avaliação dos valores de uma determinada cultura, o desenvolvimento de pesquisas e das habilidades organizacionais de determinado povo. (LAFAYETTE, 1988, p. 49-50, apud, HADLEY, 2001, p. 351).⁸

Com seu esquema, enfatiza a importância de auxiliar os alunos a entender em que as práticas culturais, relacionadas a uma sociedade, são norteadoras e imprescindíveis para compreender sua maneira de agir e de pensar. Esse tipo de abordagem tende a ser mais eficaz, pois é baseada em reflexão e questionamento. Assim, este deveria ser mais um motivo para que o ensino de língua e cultura estrangeiras deixasse os níveis mais privilegiados economicamente e fosse devidamente disseminado em nossas escolas públicas e periferias. Idéia, mais uma vez, defendida por Freire (1978) em “A Pedagogia do Oprimido”, quando ressalta a responsabilidade política do educador, que necessita compreender que suas ações devem contribuir para a transformação da vida escolar e, conseqüentemente, da vida social do país e de cada indivíduo.

Para concluir este capítulo, compreendemos que abordar o contexto cultural no ensino de língua estrangeira tem sido considerado fundamental para vários pesquisadores da área e que os autores pesquisados defendem, em comum acordo, a relevância da abordagem dos aspectos culturais para o sucesso da comunicação em língua estrangeira. No próximo capítulo, abordaremos aspectos de cultura e linguagem para melhor compreendermos o processo de comunicação lingüística.

⁸ tradução nossa.

CAPÍTULO 2

CULTURA E LINGUAGEM

“[...] toda a análise científica da cultura e da vida social, sob qualquer de suas formas sempre em evolução, é também, em alto grau, uma análise da linguagem humana, das convenções e do sistema lingüístico”.

Bertil Malmberg

O tema linguagem humana tem sido profundamente estudado ao longo dos

compreender e assimilar aspectos peculiares de alguns grupos (MALMBERG, 1976, p.16).

A linguagem verbal, encarada como objeto de estudo da Lingüística, é usada para descrever aspectos da comunicação humana. Com a intenção de manifestar idéias, emoções e desejos, cada ser humano expressa suas idéias, seus pensamentos, seu conhecimento de mundo e sua identidade social por meio da linguagem.

Cada comunidade pertence a um grupo lingüístico distinto, que pode variar de acordo com a região, nível social ou econômico dentro de um mesmo país ou região. As imposições sociais e culturais também variam segundo cada contexto cultural, pois dentro do mesmo grupo lingüístico é possível comprovar várias formas de linguagem: familiar, popular, literária, erudita, vulgar, etc, distintas, não só, no que diz respeito ao vocabulário, mas também nas formas gramaticais e na pronúncia.

Se atentarmos para a vastidão do Brasil, podemos citar as variantes diatópicas ou geográficas. A mesma expressão utilizada em dois estados diferentes, que, no entanto, utilizam a mesma língua materna para se comunicarem, pode ter significados totalmente diferentes, como por exemplo, a expressão coloquial “puxar a paia” que significa, na região do Estado de São Paulo, “tirar um cochilo, pequeno período de sono”, mas a mesma expressão, utilizada no Estado da Bahia, significa “fumar maconha”. Embora cada uso distinto desta expressão tenha sido apresentado pela mesma língua materna, tais variações de significado comprometem a comunicação

entre os falantes e deixam claro que as variações lingüísticas podem ser de ordem regional e cultural ou até mesmo social.

A capacidade de falar e de criar discursos é inerente somente ao homem. A linguagem é um meio de expressar ou de encobrir idéias. Até mesmo o silêncio, o ato de “deixar de falar”, analisado em determinado contexto, pode ser entendido como meio de expressão e comunicação ou de alguma idéia inerente àquela situação e costume cultural de um determinado país ou região. O estudo da linguagem do silêncio é um aspecto relevante no contexto do estudo da linguagem humana, embora este assunto não seja pertinente ao nosso trabalho neste momento.

Para Camara Jr. (1989), a linguagem humana é usada

Podemos citar o exemplo de nossa língua materna, a língua portuguesa, que herdamos da colonização de Portugal. Assim, também observamos outras línguas: a língua inglesa, espanhola, francesa, etc. que marcaram a herança da colonização histórica respectiva a cada país de origem, como é o caso de vários países na África que possuem suas línguas nacionais e suas línguas “oficiais”, frutos de cada processo de colonização.

Ao compreender os aspectos sócio-culturais de um determinado país ou região, o aluno assimilará aspectos peculiares e normativos daquela língua estudada de maneira mais atrativa e, ao mesmo tempo, mais racional, compreendendo o funcionamento de maneira protagonista e participativa e não somente como espectador.

Especificamente, dentro de uma comunidade, a língua projeta a cultura, os costumes de um povo: suas crenças, seus valores materiais e espirituais, seu comportamento, suas raízes, sua história. A língua funciona como um elemento de integração entre o indivíduo e a sociedade em que ele vive.

No processo de comunicação, esse elemento de integração, a língua, é responsável por permitir que as pessoas se comuniquem mutuamente de maneira responsiva e dialogada. Para Bakhtin (2003), o enunciado é considerado a *real unidade* da comunicação discursiva, pois é por meio dele que o falante se torna *sujeito do discurso*, ator do seu próprio enunciado, que possui o objetivo de interagir com outros sujeitos. Por meio do enunciado, o falante expressa suas próprias idéias de maneira

real, produzindo-o com pausas que sinalizam o momento de resposta do outro. O diálogo é produzido por essa *alternância de sujeitos*

para os franceses significa o número zero. Nosso último exemplo é sobre um costume cultural da nação peruana. É muito comum no país existirem feiras livres nas ruas das cidades. Lá se pode ver diversos alimentos, inclusive carnes ao ar livre, sem nenhum tipo de refrigeração ou proteção contra as moscas; no entanto, nenhum consumidor pode tocar em algum alimento com a mão esquerda, isso seria considerado uma falta gravíssima, uma grande falta de educação e até mesmo de higiene, uma vez que os peruanos consideram que somente a mão esquerda pode ser usada para sua assepsia no banheiro. Ao cometer esse erro, a pessoa corre o risco de ser expulsa da feira, ou pelo menos, muito mal tratada. Esses e outros exemplos servem para enfatizar como a falta de conhecimento sobre o contexto cultural, os costumes de uma nação, podem prejudicar a maneira como as pessoas se comunicam.

Uma das maiores preocupações no ensino de línguas estrangeiras é o fato de que o ensino do contexto cultural é encarado, muitas vezes, como apenas mais um tópico curricular e não como parte integrante do aprendizado de uma nova língua. A linguagem, neste caso, precisa ser encarada como um transmissor nato da variação cultural entre os povos. Em uma situação de diálogo, é esperado dos participantes respostas e comportamentos baseados no que socialmente, naquele contexto, é considerado aceito pelos falantes nativos.

Outro fator importante no processo de comunicação é a escolha de um *gênero de discurso*, que é nada mais que o enunciado dentro de um campo específico de utilização da língua. Cada falante é responsável pela escolha do gênero que utilizará na *construção do todo*, no momento da fala. Até mesmo nos momentos de conversação

mais descontraída, o falante molda seu próprio discurso às formas de gênero, que variam desde as padronizadas, até as mais criativas ou cotidianas. Segundo Bakhtin (2003), esses gêneros são fornecidos quase da mesma forma que a língua materna:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam [...] as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas (p. 283).

A diversidade de tais gêneros é determinada principalmente pela relação entre os participantes da comunicação. O ato de aprender a falar significa aprender a construir enunciados para, por meio disso, alcançar a comunicação total. Dessa maneira, uma conversa pode ter um tom mais sério ou descontraído, mais frio ou caloroso, formal ou informal, etc, ou, muitas vezes, conter expressões padronizadas e peculiares a determinados assuntos.

Além disso, é necessário dominar os diferentes tipos de gêneros para poder utilizá-los corretamente. Uma pessoa que domine uma língua estrangeira, por exemplo, sente-se, por diversas vezes, impotente em certos momentos do ato comunicativo, pois não domina o gênero escolhido para aquele momento.

Freqüentemente, a pessoa que domina magnificamente o discurso em diferentes esferas da comunicação cultural, sabe ler o relatório, desenvolver uma discussão científica, fala magnificamente sobre questões sociais, cala ou intervém de forma muito desajeitada em uma conversa mundana [...] tudo se resume a uma inabilidade para dominar o repertório dos gêneros de uma conversa mundana, a uma falta de acervo suficiente de noções sobre todo um enunciado que ajudem a moldar de forma rápida e descontraída o seu discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

No caso do ensino de língua estrangeira, o estudo da cultura pode auxiliar na compreensão e na assimilação das diversas expressões culturais de povos específicos e em diferentes contextos. Quanto mais amplo for o conhecimento e o domínio das relações culturais, melhor será o entendimento mútuo e, conseqüentemente, melhor será a comunicação. O conhecimento apenas normativo da língua não garante um processo de comunicação eficaz, nem mesmo em falantes da mesma língua. Faz-se necessário o domínio dos gêneros discursivos específicos de cada assunto relacionado. Quanto melhor o falante dominar o gênero, mais confiança terá ao empregá-lo em um ambiente de comunicação.

Uma outra caracterbarraamaatl.0vrbl^a02^alvib:l00.fjfve:2V0H:VvobqVVq6IHjj:jvubHI:...0vnbo

É importante compreender que a construção do discurso pelo falante é baseada no *todo*, no conjunto do enunciado real e concreto. Assim, o processo de comunicação acontece somente quando existe o contato da língua com a realidade no momento da criação do enunciado.

Na visão de Bakhtin (2003), todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Para ele, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (p. 264-265).

Seus estudos baseiam-se em discutir a sistemática da comunicação, muito além do processo “falante-ouvinte”, “receptor-transmissor”. Destaca que, dentro desse esquema, o “ouvinte” não é um simples receptor, mas sim, que ocupa simultaneamente uma ativa posição responsiva, que pode levá-lo a concordar ou discordar do falante, dessa maneira, completando e até modificando o momento da comunicação.

[...] essa posição responsiva se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda a compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

As respostas nesse processo de comunicação podem ser demonstradas tanto pela manifestação de um discurso oral, quanto pelo comportamento do ouvinte. Nesse processo, os *gêneros do discurso* (termo usado para referir-se ao enunciado usado dentro de um campo de utilização da língua), Bakhtin (2003) admite que a comunicação cultural é tão complexa que, na maioria dos casos, a compreensão responsiva é de efeito retardado, ou seja, mais demorado.

O momento da comunicação implica no principal objetivo da fala: tornar-se inteligível, o que, para Bakhtin (2003) seria “apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno de discurso do falante [...] Assim, cada falante, de alguma maneira, pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas, também, de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios” (p. 272), enunciados estes que podem ser compreendidos como resultados de uma vivência cultural, diferente do seu universo de conhecimento. Dessa maneira, a comunicação pode ir muito além das palavras e orações, e deparando-se com dados culturais, que podem significar barreiras no processo de comunicação se não forem compreendidos anteriormente.

Bakhtin (2004) afirma que uma língua não pode ser simplesmente transmitida, pois cada indivíduo tem sua consciência despertada para o processo de comunicação, ainda quando é criança, por meio da língua materna. Após essa assimilação na infância, é que adquire a consciência de outras línguas prontas que poderá vir a adquirir, mas sempre buscando traçar, de alguma maneira, um paralelo com a língua materna.

a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna - se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não adquirem uma língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. O processo pelo qual a criança assimila sua língua materna é um processo de integração progressiva da criança na comunicação verbal. A medida que essa integração se realiza, sua consciência é formada e adquire seu conteúdo.(BAKHTIN, 2004, p.108).

Assim, o estudo do contexto cultural pode auxiliar no processo de assimilação natural da língua de uma maneira similar ao aprendizado da língua materna: a produção da língua falada e não do conhecimento teórico somente. No momento em que se atenta para os comportamentos e costumes estrangeiros, entende-se o motivo pelo qual aquele povo comunica-se daquela maneira. O processo de 'integração progressiva' na comunicação pode ser muito mais rápido e eficaz quando se tem consciência das diferenças culturais e busca-se entender determinadas expressões lingüísticas no contexto específico daquela cultura.

Brown (2001) afirma que língua e cultura estão intrinsecamente entrelaçadas entre si. "Em qualquer momento que se aprenda com sucesso uma nova língua, aprender-se-á, também, alguma coisa da cultura dos falantes nativos daquela língua"⁹ (p. 64) **

⁹ Anytime you successfully learn a language, you will also learn something of the culture of the speakers of that language (BROWN, 2001, p. 64).

** tradução nossa.

Além de salientar quão complexo é esse processo de conexão entre língua e cultura, Brown (2001) destaca a importância de se colocar em prática alguns aspectos que levanta a partir de seus estudos:

- 1) discutir com os alunos as diferenças entre as culturas transversais, enfatizando que não existe cultura “melhor” que outra, mas que compreender as culturas transversais é uma importante faceta no aprendizado de uma língua;
- 2) incluir na aula certas atividades e materiais que ilustrem a conexão entre língua e cultura;
- 3) ensinar aos alunos as conotações culturais de uma língua, especialmente os aspectos sociolingüísticos;
- 4) separar e evitar os materiais que possam ser culturalmente ofensivos;
- 5) deixar bem claro quais os aspectos de sua própria cultura que podem ser compartilhados **

Embora defenda que tais aspectos devam ser sempre considerados primários no aprendizado de uma nova língua, acrescenta que estes podem variar de acordo com o propósito da aula e o objetivo maior que tenha, porventura, despertado o aluno para aprender uma língua estrangeira.

Claire Kramsch (2000) em seus estudos sobre língua e cultura, afirma que basicamente todos os seres humanos possuem as mesmas necessidades de comunicação, portanto, ao utilizarem o mesmo código lingüístico, são capazes de alcançar níveis satisfatórios de compreensão mútua.

No entanto, Kramersch (2000) destaca a dificuldade de se trabalhar a noção de variação cultural no ensino de línguas estrangeiras. De maneira geral, o aprendizado de uma outra língua com a finalidade de se comunicar é possível por meio de diversas metodologias, mas a falta de entendimento cultural gera barreiras no ato comunicativo.

Em meio a tantas metodologias e técnicas no ensino de línguas estrangeiras, Kramersch (2000) enfatiza que nada é melhor do que a busca constante de equilíbrio entre o conhecimento local e o global. O educador precisa buscar esse aprofundamento no universo cultural que abrange a língua estrangeira trabalhada, utilizando-a de uma maneira que facilite e envolva o aluno na compreensão do uso social da língua entre os diversos povos. Um bom exemplo neste caso pode ser a diferença de uso dos pronomes *tu* e *você* para as variantes do português europeu e do português do Brasil. Para os portugueses, o uso do pronome *você* geralmente refere-se a um tom respeitoso, formal, enquanto para os brasileiros, seu uso é o oposto, informal; já para os lusitanos, o uso de *tu* é bastante coloquial. Dessa maneira, essas diferenças só podem ser explicadas por meio da abordagem cultural, afinal ambos os países têm a língua portuguesa como oficial e materna.

No ensino de língua portuguesa, para falantes de língua inglesa, observa-se essa dificuldade em compreender a diferença no uso dos pronomes *tu*, *você*, *senhor*, *senhora*, uma vez que, em sua língua materna, fazem uso apenas do pronome *you*. Sua cultura, no geral, é marcada por uma *diretividade* no tratamento interpessoal. De uma maneira geral, os norte-americanos são espontâneos e informais ao usarem o mesmo tipo de tratamento para diferentes pessoas (SANTOS, 2003, p. 20), fato que

não se aplica quando observamos o uso do sobrenome para referir-se a um terceiro. Na comunicação, a construção lingüística dos norte-americanos tende a ser prática e objetiva; no entanto, se compararmos as expressões emocionais dos norte-americanos

A dicotomia entre a teoria do aprender a fazer e a do aprender pelo pensar, é um outro ponto observado por Kramersch (2000). O educador deve usar ambas as abordagens de forma a conduzir o aluno não somente a utilizar uma nova linguagem, um novo vocabulário ou simplesmente uma outra língua, mas para levá-lo a refletir sobre essa nova experiência com a total consciência das ideologias implícitas na sociedade em geral.

Assim, podemos observar que a língua é considerada um dos meios de comunicação mais antigos utilizados pelo homem. Como expressão verbal de um indivíduo, a língua pode transmitir dados importantes a seu respeito, tais como: sua nacionalidade, a classe social a que pertence (nível socioeconômico), seu grau de instrução, sua faixa etária, sua atividade profissional, etc; no entanto, concluímos que o ensino do contexto cultural é fundamental para que a comunicação real e plena seja alcançada. No ensino de língua estrangeira, é imprescindível que o educador tenha consciência dessa importante tarefa e procure meios de prover ferramentas aos seus alunos para superar obstáculos que podem ser ocasionados pela ausência do conhecimento de determinados conceitos culturais peculiares a diversas situações cotidianas.

No próximo capítulo, passaremos à análise das entrevistas com o objetivo de investigar a relevância do ensino do contexto cultural no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira e como conscientemente alguns profissionais da área tratam o assunto cotidianamente.

CAPÍTULO 3

LEVANTAMENTO DE DADOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A pesquisa qualitativa foi escolhida como metodologia para orientar nosso estudo, pois possibilita a análise de dados variados de forma aprofundada. Por meio de entrevistas, os dados descritivos são obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes, de maneira que permita compreender um conjunto de competências das pessoas entrevistadas. (LUDKE e ANDRE, 2004, p. 13).

Em nosso estudo, utilizamos a técnica das entrevistas semi-estruturadas para investigar qual a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeiras. Foram entrevistados sete profissionais que atuam em diversas escolas de idiomas e que trabalham com o ensino de língua estrangeira especificamente. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas (Anexo A).

O principal objetivo da técnica escolhida é o de conhecer e compreender a realidade de cada profissional entrevistado levando em consideração a realidade em que está inserido, procurando considerar, sempre, que as descrições dos fenômenos possuem significados particulares ao ambiente e ao mundo em que vive cada um deles,

e como cada um dos entrevistados compreende a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira. No decorrer das perguntas foram surgindo questões relacionadas às respostas dos informantes, que foram incorporadas às entrevistas mediante a pertinência do contexto (TRIVIÑOS, 1987, p. 128 e 146).

Utilizando a técnica de entrevistas semi-estruturadas, as questões foram formuladas partindo de alguns questionamentos básicos, de acordo com os fundamentos teóricos dos capítulos 1 e 2:

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

1-Qual a língua que leciona?

2-Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

3-Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

4-Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

5-Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

6-Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falante da língua que leciona? Por quanto tempo? Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

7-O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

8- Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

9-O seu aluno conhece países ou aspectos culturais do povo da língua em questão? Quais?

10-Quais os recursos/estratégias que você usa para manter o contato com a língua que leciona para não perder a fluência?

11-Há tempo reservado nas aulas além dos exercícios previstos no material didático, para discussões relacionadas com os aspectos culturais da língua estudada?

12-Como faz para abordar os aspectos culturais na prática durante as aulas?

13-Qual a importância da abordagem dos aspectos culturais no processo de ensino de língua estrangeira?

14-Quais são as barreiras mais frequentes enfrentadas pelos educadores nesse processo?

15-Quais são as vantagens para o aluno estudar os aspectos culturais de uma língua?

16-Como essas vantagens podem ser aplicadas de maneira prática na vida cotidiana?

Para a análise das entrevistas, estabelecemos um pequeno quadro com cinco assuntos que englobam as informações obtidas por meio das questões feitas aos professores. Os critérios de avaliação foram estabelecidos como: alto=3, médio=2 e baixo=1. O total estabelecido para cada entrevistado mede o nível de entendimento e consciência sobre o assunto de cada quadro.

QUADRO DE INFORMAÇÕES

Entrevistado	Importância do tema cultura em sala de aula	Trabalha aspectos culturais em sala de aula	Papel do educador como facilitador	Traz Material extra para as aulas	Total
A	2	2	1	1	6
B	3	3	3	3	12
C	3	2	3	2	10
D	1	1	1	1	4
E	3	3	3	3	12
F	3	3	3	3	12
G	3	3	3	3	12

Dentre os sete entrevistados, quatro atingiram 12 pontos, um atingiu 10 pontos, dois atingiram 6 e 4 pontos, respectivamente. O que pudemos observar é que dos sete entrevistados, cinco (B,C,E,F,G) possuíam clareza sobre a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira e preocupavam-se em abordar o assunto durante as aulas. Um dos entrevistados (A) não conseguiu definir com precisão os pontos culturais que abordava em sala de aula; no entanto, admitiu a importância do assunto. Apenas um dos entrevistados (D) afirmou que não aborda aspectos ligados ao contexto cultural de países estrangeiros, preferindo trabalhar somente a parte gramatical da língua que leciona.

Segundo nossa análise, os que obtiveram acima de 10 pontos foram os professores que, por meio de suas respostas, demonstraram uma maior consciência sobre a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira. Esses professores admitiram que abordam, em sala de aula, temas ligados a contextos culturais, pois consideram esse tipo de abordagem extremamente importante para o processo de desenvolvimento dos alunos.

O desenvolvimento dos alunos, para eles, significa que, por meio da apresentação e da discussão de características culturais de diversos povos em sala de aula, serão conduzidos a refletir sobre diferentes realidades com o objetivo, sempre, de conhecer, e não de julgar. Dessa maneira, cada aluno amplia sua visão de mundo, abrindo portas nunca antes exploradas, passando a enxergar que existem outras realidades e universos diferentes daquele que conhece, aprendendo a respeitar ao próximo e a seu próprio país.

O entrevistado E, que pertence à pontuação acima de 10, menciona, durante suas respostas, a idéia de Paulo Freire sobre respeitar o universo cultural do aluno. Suas respostas demonstram que tem consciência do que o termo cultura significa para o ensino de língua estrangeira, enfatiza o respeito à cultura do outro, sabe que o professor é um facilitador da informação, é aquele que leva a informação ao aluno. No entanto, o que nos chamou a atenção, é que mesmo conhecendo algumas idéias de Paulo Freire, o entrevistado E não menciona em nenhum momento o educador como um provocador de idéias ou de discussões sobre a própria cultura. Suas respostas

mostram apenas um professor que possui a informação para oferecê-la ao aluno. Em oposição, Freire (1990) afirma que o papel do educador é conduzir o aluno a desenvolver sempre o pensamento crítico, frente ao mundo que está ao seu redor:

[...] os educadores deveriam estimular os alunos a duvidar. As escolas não deveriam jamais impor certezas absolutas aos alunos. Deveriam estimular a certeza de nunca estar certo o bastante, método essencial para a pedagogia crítica. [...] Deveriam desafiar os alunos a discorrer sobre o mundo (FREIRE, 1990, p. 39).

Um outro ponto relevante do entrevistado E, é quando admite que um indivíduo que possui contato com as características culturais de outros países vai desenvolver uma visão mais ampla da sua própria realidade e vai poder transformá-la de maneira mais eficiente. Assim, observamos que, mesmo tendo uma boa consciência sobre a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira, ainda faltou ao professor refletir um pouco mais sobre como a abordagem cultural pode ser trabalhada de maneira adequada pelo educador, a fim de despertar no aluno uma consciência mais crítica para enfrentar o mundo.

Portanto, ao analisar as entrevistas, notamos que para os professores que reconhecem a importância do contexto cultural no ensino de línguas estrangeiras, é necessário discutir a realidade social de cada povo, inclusive a do seu próprio país. É necessário que o aluno seja preparado para compreender a cultura que o cerca para expressá-la na língua que está aprendendo a se comunicar. Como o Brasil é visto por outros povos? Como eu mesmo vejo meu país? Essas e outras perguntas devem sempre fazer parte de uma aula de língua estrangeira que tenha como um dos objetivos

conduzir o aluno à reflexão, ao raciocínio, ao crescimento intelectual e ao desenvolvimento de uma visão mais crítica do mundo.

Com o objetivo de demonstrar, por meio de exemplos práticos, como o contexto cultural no ensino de língua estrangeira pode ser trabalhado em sala de aula, o próximo capítulo traz a sugestão de dois modelos de aulas por nós utilizados.

CAPÍTULO 4

CONTEXTO CULTURAL E SALA DE AULA

MODELO DE AULA 1

Após as reflexões sobre a importância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira, gostaríamos de contribuir com um exemplo prático, por meio de um modelo de aula utilizado por mim durante as aulas de língua inglesa para alunos iniciantes, crianças na faixa etária de 9-13 anos. Esse modelo é fruto de discussões e reflexões a respeito do tema com vários educadores que trabalham com língua estrangeiras.

O texto a ser utilizado como base para o modelo de aula, foi retirado da apostila *Basic Booklet*, do Instituto de Idiomas Open English, que desenvolveu esses e outros textos, baseando-se na aproximação com o contexto cultural sempre relacionado à experiência real do cotidiano da sociedade falante da língua estudada. A apostila é extremamente simples e não contém figuras, com o propósito de trabalhar a parte lúdica e de criação dos próprios alunos, por meio de atividades como brincadeiras, artesanato, etc.

Primeiramente, será colocado o texto base, e logo a seguir, será feita a descrição das atividades realizadas em sala de aula. Para esta aula, os alunos já dominam a

estrutura básica da oração, sendo capazes de reconhecer o sujeito, o verbo e o complemento.

Atividade pré-aula: os alunos devem trazer para a aula folhetos ou revistas de supermercados que serão recortados para uma atividade didática, cola, tesoura, canetinha.

Os objetivos da aula foram traçados, juntamente, com as estratégias para alcançá-los:

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Reconhecer a estrutura básica das orações: sujeito+verbo+complemento 2. Adquirir novo vocabulário: clima, compras, refeições, sinônimos, antônimos, cores, frutas e vegetais. 3. Reconhecer as diferenças culturais entre o país estudado e o contexto brasileiro. 4. Reconhecer e descrever o contexto similar segundo o contexto cultural brasileiro. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estrutura do texto. Exercícios de criação de perguntas e respostas com as próprias informações do texto. 2. Brincadeira (touch-bag), atividades manuais e extra-classe. 3. Discussão do texto e atividade extra-classe. 4. Discussão do texto e atividade extra-classe.

Para a fixação do novo vocabulário que foi tratado na aula, o educador fará uma brincadeira com os alunos.

Lista de materiais:

Frutas e verduras plásticas ou naturais em um recipiente que permita que os alunos toquem o objeto, mas que não consigam visualizá-lo. O momento pode ser chamado de “touch bag” ou de “touch box”. Cada aluno terá sua vez para retirar do recipiente um objeto e terá que falar o nome em inglês. A turma não pode ajudar, se o nome estiver errado, coloca-se o objeto de volta no recipiente até que outro aluno retire-o novamente.

Atividades manuais:

Com o material da pré-aula, (cada aluno tem que trazer de casa um folheto ou revista com o anúncio de supermercado). O anúncio deve conter imagens de frutas, verduras, etc. Os alunos, separados em pequenos grupo, recortam as figuras e depois colam em um cartaz, com um desenho de um carrinho de supermercado. Cada objeto, inclusive, o carrinho, deve ter o seu respectivo nome em inglês.

Atividade extra-classe:

Como atividade finalizadora, e com a devida permissão dos pais, o professor pode organizar uma visita com os alunos a um supermercado ou sacolão. O maior

objetivo, nesse momento, é fazer com que a aula seja mais prática, os alunos devem ser estimulados a tocar e dizer o nome de cada fruta, e assim, aprendem de maneira mais lúdica e objetiva. Essa é uma excelente oportunidade para ensinar aos alunos as frutas e verduras típicas do nosso país. É interessante, que nesse momento, o professor mostre, nem que for por meio de fotos ou livros, algumas frutas e verduras típicas de outros países.

Sugestões:

Seguem algumas sugestões sobre outras aulas que podem ser preparadas com a abordagem cultural de maneira prática e lúdica:

- a preparação de um prato simples ou de uma refeição, pode ser na classe, na cozinha da escola, ou na casa de algum aluno;
- compras: no shopping center ou em lojas ao redor da escola, podem ser abordados aspectos como valores (caro e barato), vocabulário das peças de roupas, trajes típicos, etc.

O mais importante é que o professor deve sempre ter em mente o objetivo claro de mostrar aspectos de outras culturas, sempre em comparação com os costumes brasileiros. Outro ponto extremamente crucial é que o aluno deve ser capaz de compreender e apontar as diferenças entre as culturas. O desafio para o professor não é só de enumerá-las, mas sim o de explicar o motivo ou o histórico dessas diferenças.

Texto:

Today it is raining. Betty and the children are in the supermarket. Robert isn't in the supermarket, he's at work. They are in front of the vegetables. The lettuce is very green, because it is fresh. The tomatoes are very big, but they are a little green. The potatoes are very dirty, they aren't clean, and they are almost white, not brown. Veronica and Vanessa are at the fruit stand. The grapefruits are very juicy. The grapes and cherries are lovely today. Look at the dairy products! The orange juice isn't frozen, and the cream cheese isn't creamy. The cakes and rolls aren't soft, they're hard. In the supermarket there is a small restaurant. They are all hungry. They are at the table in the restaurant. There are many sandwiches on the big table, and salads and desserts on another. There are tuna-fish sandwiches, chicken salad sandwiches, egg salad sandwiches, bacon, lettuce and tomato sandwiches, with white bread, rye bread and whole wheat bread. Now the sandwiches are on the table for Betty and the children. Jack, be careful. Oh! All the sandwiches are on the floor!

MODELO DE AULA 2

Outro exemplo prático, também utilizado durante durante nossa prática docente, nesse caso, para alunos com o nível de conhecimento da língua entre alto-intermediário e avançados, jovens e adultos. Esse modelo baseia-se em reflexões a respeito do tema proposto e na preocupação com a discussão da realidade brasileira por meio de língua estrangeira.

O texto a ser utilizado como base para o modelo de aula 2 foi retirado da Internet, em site de notícias de um jornal eletrônico: Financial Times. É importante, durante a abordagem do texto, aproximarmos do contexto cultural relacionado à experiência cotidiana da nossa própria sociedade.

Para esta aula, os alunos já dominam toda a estrutura da língua, sendo capazes de reconhecer e de se comunicar por meio de uma gramática adequada e por meio do conhecimento de um vocabulário médio.

Atividade pré-aula: os alunos devem fazer uma leitura prévia do texto, destacando palavras que não conhecem o significado. É importante que o professor trabalhe sempre com sinônimos, por exemplo, se a palavra *enough* aparece no texto e um dos alunos não sabe seu significado, o professor deve esquematizar o significado da seguinte maneira: ***enough = sufficient***

Utilizando uma palavra, cujo sinônimo seja parecido com o termo em português, a assimilação do significado será instantânea. É dever do professor preparar com antecedência uma lista contendo todas as prováveis palavras com seus sinônimos. Se não houver um termo similar em português, o professor deve preparar um exemplo, uma frase para a explicação que seja próxima à realidade cotidiana. Por exemplo:

Qual o significado da palavra spend?

Exemplo auto-explicativo:

Everyday when I go to work I **spend** 2 hours in traffic.

Como os alunos, nesse nível, já sabem os significados das demais palavras, eles, provavelmente, compreenderão o sentido de **spend** por meio do exemplo auto-explicativo. Para reforçar o aprendizado, o aluno deve criar um outro exemplo com a mesma palavra.

Traçamos, abaixo, os objetivos e as estratégias para essa aula:

OBJETIVOS	ESTRATÉGIAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Expressar suas idéias utilizando formas gramaticais adequadas (presente, passado e futuro simples, e também, presente e passado perfeitos). 2. Adquirir novo vocabulário: pertinente ao tema proposto, palavras do texto. 3. Reconhecer as diferenças culturais entre o país estudado e o contexto brasileiro. 4. Reconhecer e descrever o contexto similar segundo o contexto cultural brasileiro. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estrutura do texto. Exercícios de criação de perguntas e respostas com as próprias informações do texto. 2. Uso de sinônimos em inglês e exemplos que se aproximem com o significado. 3. Discussão do texto e redação. 4. Discussão do texto e redação.

Para esse tipo de aula, o educador deve procurar salientar os aspectos de sua própria cultura. O ponto chave é que o aluno seja conduzido a se questionar: Como os estrangeiros vêem meu país? Como eu e meus colegas vemos o Brasil? Em comparação com os costumes brasileiros, o que eles

Texto de Jornal eletrônico Financial Times

<http://www.globalpolicy.org/nations/laundry/regions/2005/0424brazil.htm>

Brazil Corruption Proves Hard to Fight

By Jonathan Wheatley

Financial Times

April 24, 2005

Corruption is back in the news in Brazil. As happens every few months, allegations have surfaced against a prominent figure in public life. This time it is Romero Jucá, the social security minister, accused of falsely obtaining subsidised loans and misappropriation of public funds. He is unruffled. "This doesn't bother me. I'm sleeping easy," he told reporters this week.

Nothing has been proved against Mr Jucá and his relaxed attitude may well reflect his innocence. But innocent or guilty, such allegations against Brazil's rich or powerful rarely cause them much concern. Corruption is a fact of daily life and the chances of being punished for it are

those in public office to be tried only in higher courts.

Yet there are grounds for optimism, too. A partial reform of the judiciary, enacted last year, introduced the concept of judicial precedent. This month the Supreme Court upheld the creation of an external review body of the judiciary. “There is real hope that this could be a big step forward,” says Mr Dino.

Not everybody gets off scot free. Judge Nicolau dos Santos was convicted in 2001 of stealing R\$169.5m during the construction of a court building. A wake-up call may be sounding for the corrupt in Brazil. But for now, most are sleeping easy.

Mais uma vez, surge o grande desafio do educador: não só enumerar os aspectos culturais, mas sim explicar o motivo ou o histórico dessas diferenças.

Primeiramente, o texto é lido e todos os termos desconhecidos são observados. Após a finalização dessa etapa, o debate das questões que foram levantadas pode ser iniciado. É importante destacar que não há opiniões certas ou erradas, mas sim diferentes opiniões que devem ser respeitadas. O professor serve como mediador dos pontos discutidos.

O passo seguinte é partir para a conclusão da aula. Levantando por tópicos os assuntos tratados dentro do texto, por exemplo:

- Corrupção – não é um problema somente no Brasil.
- Explicação do “rouba, mas faz”
- Significado da expressão “I’m sleeping easy”

Para a aula seguinte, cada aluno fica responsável por entregar uma redação com o comentário sobre os tópicos que foram levantados.

Sugestão:

Para enriquecer a aula, algumas questões podem ser abordadas, por exemplo: Como explicar para um estrangeiro o termo “mensalão”? Para efeito de ilustração, é possível mostrar uma definição encontrada em um site de notícias de uma ong australiana:

Texto em site australiano:

<http://www.greenleft.org.au/back/2005/636/636p14.htm>

The most despicable revelation was that the mensalao was alive and well. Mensalao is the name given to a weekly bribe the government party pays to opposition parties in order to ensure the government can pass the legislation it wants. Lula apparently used mensalao to pass such anti-worker laws as his superannuation legislation, and allowing genetically modified food to be grown.

Para continuar a atividade, é possível criar grupos de alunos que possam preparar uma apresentação para outros grupos sobre o tema. Podem ser usados recursos como vídeos, ou simulações de reportagens. Essas atividades proporcionam a

melhoria no processo da comunicação verbal, pois uma das barreiras que os alunos mais enfrentam é falar em público. Além de, indiscutivelmente, melhorar a visão crítica que cada aluno tem da realidade cultural de seu país e do mundo ao seu redor.

Assim, as possibilidades de abordagens sócio-culturais podem ser inúmeras se o educador se preparar e usar criatividade no momento de planejar a sua aula. No entanto, devemos ter a consciência de que somos seres inacabados e, portanto, estamos em constante aprendizagem (FREIRE, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma interessante questão foi feita para uma educadora que lecionava línguas estrangeiras na Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos, Genelle Morain: por que um aluno, que provavelmente, nunca sairia da cidade onde nasceu, deveria estudar um outro idioma? A resposta dela foi simples, mas profunda: é exatamente por esse motivo que ele deve estudar uma outra língua (HADLEY, 2001, p. 345). A resposta rápida e segura de Morain, sabiamente, soube dizer quão importante é o estudo de uma língua estrangeira. Em uma pequenina frase, sua resposta deixou claro que as possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional são inúmeras.

Essa instigante pergunta pode nos conduzir à algumas reflexões sobre como algumas pessoas ainda não possuem a consciência da

Assim como Morain, nós, como educadores, somos questionados dessa e de outras maneiras. Esses questionamentos devem nos conduzir a refletir sobre como temos encarado e desenvolvido o nosso trabalho.

O estudo de outras línguas e de outras culturas desperta em cada indivíduo momentos de crescimento pessoal e de reflexões sobre a sociedade e sobre o mundo de uma maneira profunda e participativa. Aprende-se a respeitar e a tolerar tudo aquilo que é diferente da sua realidade. Todo o professor deve possuir a consciência de que, como educador, sua missão será a de conduzir os alunos a pensar criticamente sobre a realidade que conheciam e sobre novas realidades que constituíam outras formas de enxergar o mundo. Conforme assinala Freire (1983), cada educador deve ter consciência de seu dever de sempre conduzir os alunos a refletir sobre si mesmo e sobre a realidade do mundo a sua volta.

Ao adquirir uma língua estrangeira, o aluno deve ser conduzido a observar as diversas opções dos diferentes contextos culturais com os quais terá algum contato. As diferenças representam uma variedade cultural que precisa ser compreendida e respeitada. A percepção das diferenças é inevitável; no entanto, constituem uma excelente oportunidade para conduzir o aluno à reflexão sobre o seu próprio contexto cultural e do mundo em que está inserido. Cabe ao educador incentivar o respeito às diferenças culturais, para evitar a proliferação de preconceitos a um determinado povo ou cultura. É necessário que o professor esteja atento para conduzir o aluno a perceber que todas as culturas possuem valor específico para a comunidade da qual fazem

parte. O educador deve contextualizar o ensino da língua estrangeira com o contexto cultural do país que a produziu.

De acordo com Bakhtin (2004), uma língua não pode ser simplesmente transmitida, pois cada indivíduo tem sua consciência despertada para o processo de comunicação, ainda quando criança, por meio da língua materna. Após essa assimilação na infância, é que desenvolve a consciência de outras línguas prontas que poderá vir a adquirir, mas sempre buscando traçar, de alguma maneira, um paralelo com a língua materna.

Assim, o estudo do contexto cultural pode auxiliar no processo de assimilação natural da língua de uma maneira similar ao aprendizado da língua materna: a produção da língua falada e não do conhecimento teórico somente. No momento em que se atenta para os comportamentos e costumes estrangeiros, entende-se o motivo pelo qual determinado povo comunica-se de uma maneira específica. O processo de 'integração progressiva' na comunicação pode ser muito mais rápido e eficaz quando se tem consciência das diferenças culturais e busca-se entender determinadas expressões lingüísticas no contexto daquela cultura em particular.

Pudemos observar que a língua é considerada um dos meios de comunicação mais antigos utilizados pelo homem. Como expressão verbal de um indivíduo, a língua pode transmitir dados importantes a seu respeito, tais como: sua nacionalidade, a classe social a que pertence (nível socioeconômico), seu grau de instrução, sua faixa etária, sua atividade profissional, etc; no entanto, concluímos que o ensino do contexto

cultural é fundamental para que a comunicação real e plena seja alcançada. No ensino de língua estrangeira, é imprescindível que o educador tenha consciência dessa importante tarefa e procure meios de prover ferramentas aos seus alunos para superar obstáculos que podem ser ocasionados pela ausência do conhecimento de determinados conceitos culturais peculiares a diversas situações cotidianas. Não importa qual a metodologia utilizada para o ensino de língua estrangeira, a contextualização e a identificação dos valores da cultura estrangeira são tratadas como partes integrantes e extremamente necessárias para o aprendizado de outro idioma.

É necessário que o professor conduza o aluno a utilizar seus conhecimentos lingüísticos com espontaneidade, sendo capaz de poder expressar seus próprios sentimentos e pensamentos de maneira tão natural quanto se expressa em sua língua materna, aprendendo a desenvolver a capacidade de compreender e respeitar o contexto cultural de outras realidades diferentes da sua.

Compreendemos que abordar o contexto cultural no ensino de língua estrangeira tem sido considerado fundamental para vários pesquisadores da área e que os autores pesquisados defendem, em comum acordo, a relevância da abordagem dos aspectos culturais para o sucesso da comunicação em língua estrangeira.

Por fim, procuramos demonstrar que, no ensino de língua estrangeira, o educador deve conduzir o aluno não somente a utilizar uma nova linguagem, um novo vocabulário ou simplesmente uma outra língua, mas deve, antes de mais nada, levá-lo a refletir sobre essa nova experiência com a plena consciência das ideologias implícitas

na sociedade em geral, demonstrando, dessa maneira, a total relevância do contexto cultural no ensino de língua estrangeira.

7. Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- BASTOS, Liliana Cabral Bastos, LOPES, Luiz Paulo de Moita. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- BROWN, Douglas H. *Teaching by Principles: an interactive approach to language Pedagogy*. Nova York: Longman, 2001.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. 7.ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1989.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MA-MIT Press, 1965.
- CORDEIRO, Maria João. *O Ensino de Língua Estrangeira para Fins Específicos: Língua versus Cultura? Exemplos de Inglês Empresarial e do Alemão para o Turismo*. Trabalho apresentado na Segunda Jornada Técnico-pedagógica. Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Beja, Portugal, p.1-10, maio, 2001.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. Rio de Janeiro, São Paulo: Presença/Edusp. s/d.
- _____. *Teoria da Linguagem e Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- ESPÓSITO, Danúsia Cristina de Abreu. *Aquisição de Fluência em Inglês, como Língua Estrangeira: um desafio a ser superado*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Letras)-Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.
- FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: 7ªed. Paz e Terra, 1983.

- FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FROST, Robert. *The Road Not Taken*. Canada: Fitzhenry & Whiteside, 1985.
- HADLEY, Alice Omaggio. *Teaching Language in Context*. Illinois: Thomson Learning, 2001.
- HARMER, Jeremy. *The Practice of English Language Teaching*. England: Longman, 2001
- KRAMSCH, Claire. *Context and Culture in Language Teaching*. NY: Oxford University Press, 2000.
- KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. NJ: Prentice-Hall International, 1987.
- _____. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. NJ: Prentice-Hall International, 1988.
- LAFAYETTE, Robert. *Integrating the Teaching of Culture into the Foreign Language Classroom*. Middlebury: Singerman, 1988.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004.
- MALASSISE, Salete Biz. *O Texto Paradidático como Recurso Facilitador do Processo de Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa: relatos de experiências*. 2002. 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Letras)-Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.
- MALMBERG, Bertil. *A língua e o homem. Introdução aos Problemas Gerais da Lingüística*. RJ: Livraria duas Cidades. 1976.
- MEYER, R. M. *Should I call you senhora, você ou tu? Interaction difficulties for English speaking portuguese learners*. Trabalho apresentado na mesa-redonda "Brazilian Portuguese – North American English: cross-cultural approach" IV Congresso Internacional da BRASA, Atlanta, Georgia, p.1-6, abril, 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto. 2003.
- SANTOS, Jane Cristina Duarte.

- SEELYE, H. Ned. *Teaching Culture: Strategies for Intercultural Communication*. Lincolnwood, IL: National Text Book Company, 1993.
- SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. *Metodologia da Pesquisa Aplicada à Contabilidade: orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações, teses*. São Paulo: Atlas, 2003.
- SOARES, Edvaldo. *Metodologia Científica: lógica, epistemologia e normas*. São Paulo: Atlas, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. *Expressões Populares: Patrimônio cultural a ser incorporado pela escola*. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 73-86, 2004.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

ANEXO A

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Pergunta: P

Resposta: R

ENTREVISTA A

P1 - Qual a língua que leciona?

R - Língua inglesa

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R- Uma escola de idioma.

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R - Sou formada em Administração. Me formei em 1997.

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R - Estudei inglês por 8 anos em várias escolas de idiomas, inclusive na que trabalho hoje.

P5 - Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Avançado.

P6 - Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falante da língua que leciona? Por quanto tempo? Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R – Visitei o Canadá por 15 dias. Fiz um curso de inglês lá e morei em uma casa de família canadense. Os aspectos culturais que me surpreenderam é que eles eram receptivos. Eu esperava que eles fossem mais distantes, mas eles tinham muito interesse na cultura do Brasil, perguntavam muitas coisas, e também, perguntavam, como era, por exemplo, eu como descendente de japoneses lá no Brasil, se tinha alguma influência da cultura japonesa dentro da cultura brasileira. Eu falava que em casa, nós tínhamos o costume da comida japonesa, minha mãe fazia muitas coisas, mas também comíamos muitas coisas brasileiras, também. Mas dava para explicar, mais ou menos como que é. Perguntava se eu falava a língua japonesa em casa, mas falamos bem pouco lá em casa. Essas perguntas também eram feitas na escola, lá no Canadá, porque tinham muitas pessoas de outros países. As pessoas olhavam para mim e perguntavam se eu era japonesa, chinesa ou coreana. Eu falava que era brasileira e pessoal olhava para mim com uma cara de dúvida... até eu explicar que era descendente... isso e aquilo.... Bem, o que eu também percebi é que lá, os canadenses, ao falar com muitas gírias como os americanos.

P7 - O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

R – Algumas lições que eu uso para dar aula, às vezes, têm alguns tópicos que fazem a descrição entre uma cultura e outra, por exemplo, a cultura americana com a brasileira, por exemplo, as escolas, as matérias que têm dentro das escolas, por que é diferente do Brasil, ou dos esportes que só têm lá e ao têm aqui.

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R - Então, às vezes eu tento mostrar alguns esportes que não tem, mostrar alguma coisa lá, como por exemplo, o futebol americano, que aqui no Brasil não tem, aqui, é futebol mesmo. Gosto de salientar as diferenças.

P9 - O seu aluno conhece países ou aspectos culturais do povo da língua em questão? Quais?

R – Sim, alguns esportes, as casas que são diferentes daqui, não têm aquele muro alto.

P9a – Eles sabem o por quê dessas diferenças? Eles têm consciência do motivo por que aqui as casas têm muro alto e lá não?

R – Bom, acho que esse aspecto os alunos não saberiam responder. Só saberiam responder a diferença.

P9b – Você acha que vale a pena explicar esse tipo de assunto em uma aula de língua estrangeira?

R – Sim, porque eles precisam entender as diferenças das duas culturas, valores políticos, etc.

P10 - Quais os recursos/estratégias que você usa para manter o contato com a língua que leciona para não perder a fluência?

R – Dentro da escola sempre falamos a língua inglesa, fora da escola na rua, com os alunos. Assisto mais programas em inglês, leio livros, às vezes... jornal, revistas... não tenho acesso, mas sempre tento ler alguma coisa.

P11 - Há tempo reservado nas aulas além dos exercícios previstos no material didático, para discussões relacionadas com os aspectos culturais da língua estudada?

R – Tento trazer alguma coisa, uma atividade, ou algum texto, uma figura, relacionada à matéria que está sendo dada, por exemplo.... mas sempre ligado à matéria...

ENTREVISTA B

P1 - Qual a língua que leciona?

R - Língua inglesa

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R- Uma escola de idioma, e aula particulares. Não moro mais no Brasil, moro no Canadá há 8 anos, mas venho, às vezes, ao Brasil mais para visitar a família e aproveitar para dar umas aulas...

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R - Sou formada em Administração. Me formei em 1994.

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R - Estudei inglês por toda a minha vida, fui para o Canadá, a primeira vez para fazer um curso de imersão total por 4 meses, fiquei os 4 meses....mas estando no Canadá já era um curso, porque você fala inglês o tempo todo, você vai na esquina, liga a televisão, não tem por onde escapar... liga rádio...entendeu? tudo é em inglês... jornais e assim, trabalhando se aprende muito, interessante porque eu já trabalhei em vários lugares diferentes, já fiz várias coisas no Canadá, por exemplo, quando eu trabalho com jovens aprendo bastante as gírias... Trabalhei na IBM, então era muito formal, um aspecto formal de negócios.

P5 -Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Fluente, com pouco sotaque. Com sotaque suave.

P6 - Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falante da língua que leciona? Por quanto tempo? Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R – Além do Canadá onde moro, já visitei os EUA, há turismo, e alguns países n Europa. Eu sou apaixonada por esse tipo de coisa...de aprender coisas novas, eu gosto muito da parte cultural, então para mim, eu achei que foi muito interessante passar um tempo fora e ver como as pessoas se relacionam, como elas vivem, o que elas fazem de uma certa forma, o que elas pensam e como elas pensam... de uma certa forma comparar com gente, porque quando gente vive m um país, e não vê a coisa láfora, você acha que o seu é um universo, mas quando você vai para outros lugares, e principalmente, vive e pode perceber como é a vida lá fora, você percebe muitas coisas que, de repente, pode até incorporar na as vida, coisas que você gosta....

P6a – Existe algum aspecto cultural que te marcou?

R – Sim, assim que eu cheguei no Canadá, eu não entendia por que os canadenses eram loucos por sol, qualquer solzinho, eles ficavam no sol, demorou um tempo para e entender isso. Hoje eu entendo, e também faço isso, porque lá eles tem um limite, eles não têm muito sol, eles vão muito à procura do sol. Mas não só isso, quanto às pessoas, eles falam que os canadenses são frios, mas eu não acho. Eu acho eles super bacanas, pelo menos, as pessoas que eu tive contato. Uma coisa um puco diferente são os churrascos, cada um leva praticamente a sua coisa, a sua comida... são poucos os churrascos em que há muita fartura.... mas até entendo, porque as coisas lá são bastante caras. Uma coisa que eu também acho super interessante é que,

pelo que eu percebi, eu acho que os canadenses, vivem menos de aparência, aqui as pessoas usa muita marca, para se mostra, lá não, todo mundo anda de metro, um tênis amarelo e uma camiseta azul, e tudo bem, cada um tem sua identidade, ninguém fica julgando muito por isso, lógico que também existe, mas eu acho que é menos, bem menos. Outra coisa que eu acho muito interessante é que, por exemplo, os jovens saem muito cedo da casa dos pais, independente se ele vai mora em outr país, ou se vai sair da cassa do pai para ser vizinho... é da cultura deles... 16, 17,18 anos... é como se fosse uma tradição de independência...mas o que eu acho interessante é que... não interessa se o seu pai é rico, pobre... você vai sair da sua casa e vai procurar um emprego como todo mundo, vai ser frentista, vai servir sorvete, vai ser pintor de parede, não interessa se o pai tem muita grana ou não, entendeu, então fica todo mundo em uma sociedade mais igualitária... os jovens não dependem muito dos pais, não dependem do dinheiro dos pais, e o que é legal é que fica uma sociedade mais igualitária quanto ao homem e mulher, no sentido de... o homem lava a roupa dele, faz tudo praticamente, principalmente nesse começo quando ele não tem dinheiro, ele está sobrevivendo... então ele tem que fazer tudo...depois, eventualmente, se ele tem um pouco mais de dinheiro, melhora, talvez ele leve as coisas em uma lavanderia... então o que é bem diferente daqui do Brasil,é que o homem também faz muita coisa, isso também acho legal.

P7 – Quando está dando aula, você aborda esses aspectos culturais?

R – Sempre.

P7a – Qual a reação dos alunos?

R – Eles ficam super interessados, a maioria se interessa muito, vejo que eles vivem as nossas experiências, mas acho que melhor jeito, realmente, é explicar através da

cultura. Me lembro quando fui para Berlim, foi uma das primeiras vezes que eu aprendi história de vez, lá na Alemanha, olhando os monumentos, entendendo, na verdade, eu fui na comemoração de 10 anos da queda do muro de Berlim, eu participei da festa foi muito interessante. Eu estava com um guia, que explicou, e quando você vê, participa, eu acho muito mais fácil.

P7b – Como você aborda a parte sócio-cultural, política? Afinal, quando se fala na queda do muro de Berlim, é necessário falar sobre isso, não é mesmo?

R – Eu tento, mas tudo depende de como o grupo responde. Depende da idade, tento alocar o tópico do dia na faixa etária deles. Assim fica mais fácil.

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R – Outras coisas que eu faço, eu leio bastante jornais, por exemplo, New York Times. Eu pego os artigos, atualidades, e dou para os alunos mais avançados, porque ler jornal em inglês não é algo muito simples, geralmente eu discuto mais com os alunos mais avançados, coloco eles em grupo para eles terem uma discussão, fazerem uma apresentação, mais de tópicos da atualidade. Acho que para eles verem a cultura de outros países, nada melhor do que um jornal daquele país representado aquele país, para você entrar naquela sociedade, para você entender certas coisas.

P9 - O seu aluno conhece países ou aspectos culturais do povo da língua em questão? Quais?

R – Sim, acho que a maioria sim, mas nem todos... mais pelo fator educação, qual o tipo de educação... se eles se interessam em ler a respeito de outros países, ou se eles já viajaram para outros países... ou se eles têm esse tipo de preocupação em fazer uma certa comparação, em pensar “puxa esse país é assim, esse país é outro”... acho que

depende mais do nível de conhecimento deles. O professor tem em geral, muita influência sobre o aluno, então se o professor conseguir passar uma mensagem boa, acho que fica no aluno para sempre. Eu gosto de dar certos debates para que eles comecem a pensar, a discutir, então acho que vem muito do professor. Educação, eles têm que ter, às vezes eles não têm essa parte, mas se o professor começar a introduzir... quem sabe no futuro seja natural para eles começarem a buscar mais informação... Quem que não se lembra de um professor que fazia certas coisas que você faz até hoje.

P9a – Pelo o que você me disse você não segue rigidamente um material didático você sempre busca material fora, revistas, jornais ...

R - Músicas, filmes, às vezes para crianças, vou acostumando eles desde de pequenos, acho importante ...

P9b – Toda aula você aborda um aspecto cultural?

R. Não, não toda aula depende do grupo, mas eu gosto, por mim eu abordaria, por mim todas as minhas aulas seriam de conversação, mas nem sempre, às vezes a gente tem que seguir mais por orientação da escola, ou às vezes a gente está atrasado com o programa e precisa dar uma puxadinha não pode ficar ... mas eu tento, mesmo por exemplo nas frases, nos exemplos, sabe, quando você vai dar um exemplo para demonstrar certo ponto gramatical, por exemplo, eu tento incluir alguma coisa.

P10 - Quais os recursos/estratégias que você usa para manter o contato com a língua que leciona para não perder a fluência?

R – Moro no Canadá.

P11 – Há tempo reservado nas aulas além dos exercícios previstos no material didático, para discussões relacionadas com os aspectos culturais da língua estudada?

R - Sim, primeiro porque eu acho que a gente tem que instigar o aluno sempre a não seguir só o livro ele tem que pensar e outro o livro é o livro, o exemplo poder ser mais atualizado a nossa atualidade, nem sempre o que esta no livro corresponde a atualidade da pessoa, e acho que é mais fácil de aprender quando você transporta para a realidade da pessoa, mas talvez seja um pouco mais útil, o livro você vai ver, depois você aplica isso na realidade.

P12 - Quais são as barreiras mais freqüentes enfrentadas pelos educadores nesse processo?

R - Às vezes eu acho que é mais tempo, de repente você precisa dar aquela matéria, não pode sair muito, porque querendo ou não, tem coisa que você tem que seguir uma certa regra, um programa, além do tempo, acho que talvez algumas escolas não deixem que o professor faça isso, eu acho isso...

P13 - Quais são as vantagens para o aluno estudar os aspectos culturais de uma língua?

R – Acho importante para que ele viva um pouco da experiência dos outros...é importante para ele poder se interar com uma realidade que alguém está vivendo ou já viveu, mas que ele não pode viver, então, é sempre uma informação que só acrescenta, e está lá uma coisa para ele pensar mais na vida: “puxa, nos outros lugares eles fazem assim...”acho que aqui não é o centro do mundo... existem lugares onde as pessoas agem diferente, pensam diferente, e nem por isso estão erradas.

P14 - Como essas vantagens podem ser aplicadas de maneira prática na vida cotidiana?

R - Acho que eles vão aprender cidadania... eu dou vários exemplos... eu já fiz um pouco de tudo... coisas que eu nunca na vida imaginei que eu faria, nada grave... mas por exemplo, já fui garçonete, já trabalhei em feiras vendendo gazebo, trabalhei de voluntária em um museu, adoro museu de arte, essa parte que eu trabalhei como voluntária em um museu de arte, eu sempre passo para os meus alunos, acho isso muito interessante... se as pessoas se interessassem um pouco mais com arte... tem o sentimento...

P15 – Você acha que um professor que nunca morou fora pode abordar os aspectos culturais?

R – Acho que sim, com o tanto que ele tenha uma certa instrução, uma pessoa não precisa sair do país pra poder abordar isso, há muitos livros, muitas revistas super interessantes por aí, e mesmo o contato com pessoas que já foram... eu acho que sim, contudo que ele esteja preparado e saiba o que está falando... mas demanda pesquisa.

ENTREVISTA C

P1 - Qual a língua que leciona?

R - Língua inglesa

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R- Uma escola de idioma.

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R – Ainda sou estudante. Faço engenharia química.

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R - Estudei inglês por 9 anos somente em uma escola, inclusive na que trabalho hoje.

P5 - Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Bom para fluente. Procuo melhorar com os treinamentos para professores, aqui na escola.

P6 - Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falantes da língua que leciona? Por quanto tempo? Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R – Na verdade nenhuma, eu nunca viajei, mas eu tenho planos de quando acabar a faculdade fazer uma pós-graduação, alguma coisa assim, fora.

P7 - O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

R – Embora eu nunca tenha viajado, como eu já estudei eu sempre tive informações sobre cultura dos países, o modo de vida deles, e sempre tento passar isso para os alunos, principalmente porque sempre preparo muita gente que vai viajar. Então, mesmo nunca tendo viajado, eu me informo sobre os assuntos. A gente tem livros, Internet para passar para o aluno como é lá fora, os problemas que ele vai enfrentar... as diferenças entre a cultura brasileira e a cultura estrangeira.

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R – Sim, sempre que a gente encara uma lição um texto, alguma coisa, que tenha um hábito diferente do nosso, eu sempre procuro explicar, procuro saber o por que disso. E passo para o aluno e sempre há um debate, uma discussão das diferenças. Por exemplo, eu dei um texto sobre um antigo lavatório, que é uma coisa que não é comum aqui no Brasil. Era na Inglaterra, e eu tive que pesquisar... era um lavatório da época da guerra, então eu pesquisei e nós debatemos em sala de aula... eles não tinham nem

P12 - Como faz para abordar os aspectos culturais na prática durante as aulas?

R – Sempre procuro comparar a cultura brasileira com a cultura estrangeira, e isso a partir de uma lição já do grupo, ou um texto, apesar que eu coloco também coisas extras, um vídeo, músicas e a partir daí eu também posso trabalhar essas diferenças. Os alunos tem uma visualização mais fácil quando você compara as diferenças... eu já tentei colocar: é assim, assim, assim... mas eles começam a pensar e a questionar... eles mesmos acham mais fácil, comparar e discutir...

P13 - Qual a importância da abordagem dos aspectos culturais no processo de ensino de língua estrangeira?

R – Acho muito importante, porque quando você aprende uma língua, não é só a língua que você está aprendendo. Se você está aprendendo uma língua, provavelmente você quer viajar, ou conhece de onde veio essa língua... e isso engloba a cultura do país ou da região... por isso acho muito importante.

P14 - Quais são as barreiras mais frequentes enfrentadas pelos educadores nesse processo?

R – Quando há uma diferença cultural grande em relação à cultura brasileira e os alunos julgam como uma coisa ruim. Eu trabalho isso tentando explicar que não é ruim, é apenas diferente...cada cultura tem as suas características.

P15 - Quais são as vantagens para o aluno estudar os aspectos culturais de uma língua?

R – Além de conhecimento, porque conhecimento nunca é demais e condição de um dia eles viajarem, ou se um dia eles forem questionados eles vão saber... como eu disse, a língua, não é só língua, é tudo o que envolve.

P16 - Como essas vantagens podem ser aplicadas de maneira prática na vida cotidiana?

R – por exemplo, um empresário que tem que receber um telefonema, um e-mail, alguma forma de comunicação na língua estrangeira e ele se depara com uma expressão ou um hábito diferente, se ele já tiver estudado sobre isso, e debatido sobre isso, ele vai enfrentar o problema, vamos dizer, numa boa.

ENTREVISTA D

P1 - Qual a língua que leciona?

R - Língua inglesa

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R - Uma escola de idioma.

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R – Sou estudante de Comunicação.

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R - Estudei inglês por 4 anos somente em uma escola, inclusive na que trabalho hoje.

P5 -Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Eu não digo perfeito, quando eu falo e percebo que eu estou falando coisas erradas, aí eu tenho que voltar e corrigir, e isso já contradiz a própria fluência. Você tem que saber falar, se expressar, mas eu consigo passar minhas idéias em inglês, mas com questão à perfeição da gramática ou mesmo da pronúncia de algumas palavras, tenho ainda que trabalhar em cima.

P6 - Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falante da língua que leciona? Por quanto tempo? Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R – Eu nunca saí de São Paulo. Na verdade, as duas únicas vezes que eu saí foi para o sul de Minas e o norte do Paraná.

P7 - O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

R – Na hora que eu estou dando aula, eu tento ver primeiro qual que é o patamar dos outros. Quando eu dou a primeira aula, eu procuro não focar tanto na lição, mas sim conhecer o aluno, porque, justamente, cada alunos vem de uma classe social diferente, então fica difícil você trabalhar com um aluno que é, por exemplo, de uma classe baixa com um aluno de uma classe alta... porque o aluno que vê de uma classe social alta ele já tem um contato um pouco maior com a língua inglesa e o que vem de uma classe baixa não. Então tem umas coisas que você já pode esperar de um aluno, questão de vocabulário, você já pode esperar de um aluno de classe alta, de um de classe baixa, geralmente não pode. Então, geralmente, eu procuro primeiro saber de onde eles vêm, da família, da questão social e do que que eles gostam para poder falar a língua deles, por exemplo, se você conhece bem um aluno, adolescente, ele não vai se interessar por negócios, você tem que trabalhar na língua dele... por isso tem que saber geralmente os gostos dos alunos para dar uma pesquisada e trabalhar o que eles gostam.

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R – Não, o que eu trabalho mesmo é a língua, porque eu mesmo não tenho esse conhecimento, eu nunca saí do Brasil.

P8a – Você acredita que se uma pessoa não vá viajar para o exterior, ela não consegue ter esse conto cultural da língua?

R – Não, ter o contato cultural, eu digo, com a cultura inglesa, os costumes, essas coisas... você pode até conhecer, mas você não viveu aquilo, então, você não tem tanto autoridade para poder falar sobre o assunto, porque você não passou por isso, então fica meio complicado... pode-se até passar a parte cultural, mas não será muito bem recebida. Uma coisa que meus alunos sempre me perguntam, depois de uma segunda, terceira aula é: “nossa! Você fala bem... você já foi para lá?” aí você fica meio com cara no chão, puxa, us quase nunca saí de São Paulo... é por isso que eu me detenho mais na parte da estrutura da língua mesmo, e não da parte cultural. Primeiramente, porque não tenho essa experiência...

P8b – Você acredita que essa aprendizagem cultural possa ser feita sem sair do país?

R – Eu creio que você possa até aprender, mas eu não acredito que seria tão eficiente quanto se você fosse para lá. Acho que estando lá você vai ver o dia-a-dia como é, como funciona a coisa... agora, por livros, é aquele negócio, você aprende, mas você não aprende tudo por livros... porque se fosse assim, todo mundo que estuda, por exemplo, Administração na faculdade, iria sair um perfeito administrador... mas você precisa viver também... por que a vida te ensina as coisas...

P1 - Qual a língua que leciona?

R - Língua inglesa

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R - Uma escola de idiomas, na faculdade de terceira idade, em um cursinho pré-vestibular também. Sempre lecionando inglês.

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R – Eu faço curso superior fora do Brasil, eu estudo Administração através de créditos na Universidade São Francisco e também estudei na Inglaterra. Aqui no Brasil não tenho formação superior, mas eu tenho uma pós-graduação em Inglês Executivo e outra pós-graduação, um MBA pela faculdade Trevisan.

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R – Eu falo inglês desde os 7, 8 anos com minha família e estudo desde os 10.

P5 -Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Para mim, a língua inglesa é tão natural quanto meu português, então eu consigo articular os dois idiomas da mesma forma. Sem problema nenhum. Quando viajo para fora do país algumas pessoas conseguem reconhecer que eu sou estrangeiro, outras pessoas não conseguem reconhecer que eu sou estrangeiro. Depende muito do meu dia e também das pessoas que estão em minha volta.

P6 - Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falante da língua que leciona? Por quanto tempo?

R – Eu nunca morei fora, mas eu viajei muito, então, havia épocas onde eu viajava para a Inglaterra e ficava dois, três, quatro meses... aí voltava para o Brasil... aí voltava para a Inglaterra e ficava mais um tempo, então eu conheci muitos países que falam a língua

inglesa, mas nunca morei especificamente em nenhum país. P6a - Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R - Na Inglaterra eu aprendi a trabalhar. Eu analisava as formas que as pessoas utilizavam nas escolas, nas instituições de ensino e eu tentei copiar muitas coisas para a Open English, muitas técnicas que nós utilizamos aqui na Open English são técnicas que eu trouxe da Inglaterra através de várias visitas que eu fiz em escolas, em Cambridge, em Londres, em Oxford, na Irlanda também, eu visitei várias escolas e trouxe técnicas para cá. Então a Inglaterra serviu para mim em termos de técnicas de ensino. E nos Estados Unidos, onde eu tenho parentes, minhas viagens sempre me trouxeram a oportunidade de aprender pragmatismo. Então, nos Estados Unidos eu aprendia a utilizar toda a técnica que eu tinha aprendido na Inglaterra de uma forma mais pragmática. Também as viagens para os Estados Unidos foram extremamente importantes para eu aprender a ser mais prático, os americanos são extremamente práticos na área de educação. Essas técnicas que eu trouxe da Inglaterra acabaram refletindo em traços culturais aqui da escola, por exemplo, uma vez que nós queremos fazer com que nossos alunos sejam mais precisos para falar a língua inglesa, tem que usar a cultura deles para mostrar o que é isso, então, a cultura inglesa, por exemplo, foi a que mais me marcou pela poesia, pelos textos deles e pela forma de pensar que é completamente diferente de uma cabeça latina... agora uma pessoa não vai falar inglês bem se ela não entender essa cultura, na Inglaterra, por isso há técnicas de método de trabalho que eu trouxe de lá, eu tenho que acoplar com a parte cultural, pra fazer com que o aluno aprenda, mas acho eu a cultura, as culturas dos países enriqueceram muito meu trabalho, porque aqui, na Open English, todos os alunos sentem que aqui a escola é muito mais do que aula de inglês, eles sentem que eles têm um acesso à cultura

muito grande. Seja através de música, através de palestras, isso tudo foi uma idéia que nós trouxemos lá da Inglaterra.

P7 - O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

R – Nós utilizamos o que é interessante da cultura inglesa dentro da escola, mas acredito muito na questão do educador Paulo Freire, que falava que você tem que trabalhar de acordo com a realidade do aluno, então, eu não imponho nenhum tipo de cultura dentro da sala de aula, eu tento que eles vejam a cultura mundial, não só a inglesa, mas a cultura de vários países para eles entenderem como que o raciocínio funciona em outro idioma. Mas eles têm que ter a própria cultura deles, não é por que a pessoa está falando inglês que ela vai esquecer a cultura dela e vai entrar em uma cultura artificial. Ela só tem que aprender a usar a cultura dela própria, na língua estrangeira que ela está aprendendo. Então, a cultura ... nós utilizamos músicas, utilizamos várias atividades em sala de aula, atividades culturais, mas em nenhum momento a gente impõe a questão cultural das atividades.

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R – Qual é a cultura americana? A cultura americana é a cultura de negócios. Então, essa é a cultura americana, diferente da cultura européia. A cultura européia é arte, é música, é qualidade de vida. A cultura americana é a cultura de negócios. Então, nós trazemos várias atividades de negócios para a sala de aula. Várias simulações de negócios. Ah, você tem uma empresa, você tem que fazer com que ela cresça... várias simulações. Em termos de cultura, em relação à arte, música, todos os tipos de arte, a gente, por exemplo, lê uma poesia... eu trago uma poesia, escrita na Inglaterra, só que eu tenho que trazer uma poesia, que cabe dentro da realidade do nosso aluno. Não

uma coisa totalmente abstrata mas uma crônica, por exemplo. A gente traz isso para a sala de aula, os alunos lêem e discutem aquilo, fazem um debate em cima dessa crônica.

P9 - O seu aluno conhece países ou aspectos culturais do povo da língua em questão? Quais?

R – Talvez não. Porque nós damos tantos aspectos culturais de tantos países, em todo o tempo. Para nós a questão da cultura é importantíssima, mas os alunos não conseguem diferenciar cartesianamente o que eles já viram, por exemplo, ao longo de cinco ou seis anos, aqui na escola, os alunos viram indianos dando palestras, viram americanos, ingleses, canadenses, brasileiros, falando sobre cultura, ou sobre negócios, ou sobre a realidade dos países deles ou do Brasil, mas como nós não somos uma escola nem inglesa, nem americana, como a maioria das escolas de inglês preferem ser, por exemplo, o CNA, prefere ser uma escola de cultura americana, a Cultura Inglesa, de cultura inglesa, aqui nós optamos ser uma escola de cultura internacional. Então, ao longo de cinco anos, os alunos foram expostos a vários tipos de culturas, de vários países, até do Egito. O ano passado, por exemplo, eles tiveram uma aula, sobre a construção das pirâmides... dada por uma pessoa do Cairo. Então, eles viram como um egípcio falava inglês, assistiram a demonstração com vídeo, mostrando a construção e tudo mais, falando sobre a construção. Mas eles viram tantas informações, sobre tantos países, sobre culturas internacionais, mas tanta informação, tanta informação, que hoje, nós percebemos que os alunos têm uma postura diferente perante a vida, mas eles não conseguem quantificar ou qualificar o que eles viram. Isso surtiu um efeito prático... a questão do racismo... a questão de preconceito de religiões, isso é uma coisa que aqui na escola, existe como em qualquer lugar, é claro, mas

existe em um nível muito mais baixo, porque os alunos foram exposto tanto a uma cultura internacional, que eles digeriram e está gravado dentro deles essas informações, mas eles não conseguem qualificá-las.

P9a – Você expõe seus alunos às informações culturais em todas as aulas, ou só em aulas específicas?

R – Como nós damos muita leitura, nosso aluno lê muito texto em sala de aula, toda aula existe essa abordagem, toda a aula. Por exemplo, hoje eu acabei de dar um texto que foi escrito por um inglês, então, a pessoa é exposta a uma cultura diferente a cada aula. A partir do momento que você aprende um idioma, você é exposto à outra cultura o tempo todo. A única coisa é que nós fazemos isso de maneira mais ampla, de uma cultura internacional. Mas em toda a aula você é exposto. Mas não só à sua cultura internacional, mas como à sua própria cultura, porque você só conhece a sua cultura melhor, quando você conhece outras culturas. Então, toda a aula, se tem um trabalho de cultura.

P10 - Quais são as barreiras mais freqüentes enfrentadas pelos educadores nesse processo?

R – Sim. O antiamericanismo. O antiamericanismo é uma barreira enorme. E mesmo eu, eu venho de família de políticos, eu tenho políticos na minha família. Eu fui criado em uma cultura operária, fui criado em uma cultura socialista, até marxista, mas eu consegui ver que a questão de ser sub-produto é muito relativa, porque na América Latina, vários países, julgam o país como um país mais poderoso da América do Sul e que impõe regras. E para o Brasil também existem países que são mais poderosos que impõem as regras. Então, existe uma cultura mundial sobre qual país está sobreposto em relação a outro país, por exemplo, agora, o foco sempre foi os Estados Unidos, e

esse foco está se deslocando para a China, então, as pessoas estão começando a falar que a China está explorando no mundo inteiro... então essa cultura de exploração, é uma cultura humana, na minha opinião. E quando uma pessoa vai ter uma aula de inglês, o antiamericanismo é muito forte, ela fala: “eu me recuso a aprender esse idioma... eu odeio inglês, eu só estudo porque eu preciso para o meu trabalho”. Mas o que nós tentamos mostrar é o seguinte: independentemente, dos Estados Unidos estarem ou não, no poder hoje do planeta, a China estar alcançando, quase, os Estados Unidos, em termos de poder e tudo mais... a língua inglesa ultrapassa todos

esi

colocar seu ponto de vista de forma mais clara, esse é o retorno principal que a gente tenta mostrar. Pessoa que tem contato com culturas internacionais é uma pessoa mais “linkada”. Isso reflete em todos os pontos da vida dela.

ENTREVISTA 6

P1 - Qual a língua que leciona?

R – Espanhol e inglês.

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R - Uma escola de idioma e alguns alunos particulares.

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R – Eu estudei Junior High School nos Estados Unidos, aí fui para a Argentina e terminei o secundário, aí comecei a dar aulas aos 17 anos. Nos anos 60, faz 46 anos. Eu não quis em Universidade em Argentina, mas eu pensei eu vou ter que ter um certificado, então eu me preparei sozinha para o Proficiency do Michigan, aí eu tenho o certificado de 1961. os professores que vinham me dar aula de inglês, não queriam dar aula para mim, eles falavam que eu sabia mais... Bom eu chegava dos Estados Unidos, minha instrução tinha sido lá, é lógico que eu falava inglês melhor que eles. Mas aí a parte gramatical eu mesma que preparei, lógico que foi para o Michigan no ano de 1961. Depois no ano 96 ou 97 eu fui à Argentina por um ano, eu dei na faculdade primeiro e segundo ano de português, gramática. Eu não passei na fonética... não pelo

sotaque, mas porque não sabia as regras fonéticas. Porque como eu gosto de gramática, eu leio e aí eu gravo as diferenças gramaticais e o vocabulário também.

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R – Desde criança.

P5 -Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Fluente.

P6 - Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R – São muitos, porque eu sei que desde o primeiro dia de aula, você tem que jurar ser fiel à bandeira dos Estados Unidos... isso todo o dia, todo o primário, todo o secundário, toda a universidade. Você tem que fazer esse juramento. Eu acho que essa é a grande diferença da América do Sul e América do Norte. Por que se vê a guerra fria, a guerra do Iraque, agora, muitos deles acham que está certo. Olha que absurdo, mas é. Também marcou que eles falavam muito mal dos japoneses, dos coreanos, por eu foi a guerra da Coréia quando eu estava lá. Inclusive quando eu cheguei aqui, estava com medo de falar com japoneses, porque pensava que eles não eram bons... é uma

coreano... eu não acho certo porque acho que é uma falta de educação. Porque se você está num país que você está morando, tem que falar o idioma. O meu sotaque não vai mudar nunca, eu vou ter sotaque eu sei. Mas eu procuro ler muito em português, leio sempre em português, estudar a gramática, estudar os modismos.

P7 - O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

R – Ultimamente que estava dando adiantado, eu queria que eles falassem da parte política do Brasil, porque quando vem um estrangeiro eles estranham muito todo esse movimento de mudanças de ministros... para mim são fofocas tudo isso que acontece. Eu dou meu ponto de vista não porque eu estou certa, mas porque cada um dá a sua opinião e eu falo no início: “ninguém está certo ou errado, só estamos dando diferentes opiniões”. Falamos também da parte dos hospitais, porque acho mal quando os repórteres só falam mal....por exemplo, hoje de manhã, a repórter estava falando só coisas ruins... aqui é um país que todo mundo que precisa de cirurgia cardíaca na América do Sul vem para o Brasil. Vários hospitais... o Incor, eu fui operada por um dos filhos do Jatene... que são ótimos... não tive nenhum problema, não paguei nada , nada, nem sequer o sangue eu paguei, por que eu tenho o O negativo. Fui operada e tratada igual a se eu estivesse pagando... a primeira cirurgia custava trinta mil dólares, imagina... como eu ia pagar? Então, com os alunos avançados a gente discute isso, mas com os alunos básicos a gente discute as comidas, os shopping centers, as coisas mais básicas que eles estão falando...

P7a – Você faz a comparação entre as realidades do Brasil e de outros países?

R – Estive em um hospital em Argentina, um hospital público, por exemplo, e eles não tinham nem algodão nem gaze...imagina... no Incor e no Das Clínicas eu nunca paguei nada, mas os aparelhos que tem aqui são muito melhores que os privados, já estive no

Neomater, o eletrocadiograma de Neomater faz um barulho que parece um trem. No Incor você nem percebe que estão fazendo eletro. E isso não é de agora, é de vinte anos atrás...

P7b – E os aspectos culturais de expressões, como você trabalha?

R – A expressão eu sempre falo que não pode traduzir, nem a expressão brasileira, o português, nem a americana, nem a argentina... você tem que saber usar a expressão, saber como colocar a expressão para saber se está certo e não falando qualquer coisa e saber mais ou menos o significado, saber mais ou menos... saber que preposição vai antes, que preposição vai depois, como tem que colocar o verbo certo... explico a parte estrutural, mas não faço tradução de jeito nenhum. Inclusive dei hoje uma expressões com o verbo do e make, o verbo fazer, só que não tem uma definição exata. Alguns livros dão definição, mas o único jeito de se aprender é saber que verbo, e que palavra vai com make e que palavra vai com do. E depois procurar usar bastante para que saia automaticamente. Não precisa decorar, eu não deixo decorar, nada, nada, nem os verbos. Isso de decorar para mim é coisa antiga em qualquer língua, você tem que saber usar o verbo, não decorar, porque se você decora, você não vai lembrar...

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R – Sim, a aula hoje foi dedicada ao comércio, então, fiz os alunos fazerem cada um um anúncio do que ele queria fazer, aí vimos a parte estrutural da língua e o que eles acham, por exemplo, dos anúncios da televisão... se concordam ou não... a gente fala sobre o tema do dia... porque se não você não tem seqüência. Se é um aluno particular, ele pode trazer o tema que quer, mas em uma escola você tem que ter um programa, se não cada um faz o que quer e o aluno fica perdido. E também muitos alunos no

entendem que qualquer coisa que você fale em inglês é comunicação... não acho errado que falem sobre qualquer tema, mas em escola eu prefiro seguir o tema do dia. Eu deixo os alunos falarem sua opinião sobre coisas que estão acontecendo aqui. Eu dou minha opinião comparando com Argentina e Estados Unidos que é onde eu conheço. Trato nunca de falar de coisas que eu não sei. Do que eu vivei, ou do que eu presenciei ou o que eu vi. Por exemplo, eu não tenho medo de nada nas ruas, porque eu já passei entre balas quando teve a revolução em Argentina... e eu não tenho medo... e porque eu tenho problemas de locomoção e muitos perguntam... “você está sozinha?!” por que eu não vou estar sozinha, não tem guerra, não tem nada, vou ter medo de subir em um ônibus? Ou seja, não tem porque... eu falo da realidade que eu sei e procuro não inventar, a menos que eu tenha lido alguma coisa...

P13 - Qual a importância da abordagem dos aspectos culturais no processo de ensino de língua estrangeira?

R – Acho muito importante, porque quando você aprende uma língua, não é só a língua que você está aprendendo. Se você está aprendendo uma língua, provavelmente você quer viajar, ou conhece de onde veio essa língua... e isso engloba a cultura do país ou da região... por isso acho muito importante.

P15 - Quais são as vantagens para o aluno estudar os aspectos culturais de uma língua?

R – Ele tem que saber que não existe só o Brasil e que aqui não é o pior país do mundo nem também é o melhor... acho que em todos têm coisas boas e coisas ruins. É que brasileiro em geral e também na televisão dizem: “Ah, isto é o Brasil, isto é o Brasil...” como dizendo que aqui tudo está ruim e não é.

P16 - Como essas vantagens podem ser aplicadas de maneira prática na vida cotidiana?

R – a vantagem é se eles viajam, ou se eles recebem um turista ou estrangeiro na firma, no meio de trabalho. É aí que eles percebem que e fizeram bem ao estudar, quando eles vêm que podem se comunicar. Eu falo para eles que se você vai a qualquer país, se você vai à Itália, precisa falar inglês, na Espanha, precisa falar Inglês, você tem que se comunicar, como você vai para um país e ficar só apontando... não dá... pode, mas não dá. Tem pessoas que pensam que o mundo é só aqui, mas o mundo é muito grande... os adolescentes adoram escutar músicas em inglês, quando eles vêm que entendem, eles gostam muito. E isso é cultura...

ENTREVISTA 7

P1 - Qual a língua que leciona?

R - Língua inglesa

P2 - Você dá aulas em quantas instituições de ensino? Quais tipos? (escola de idiomas, cursinhos, escolas de ensino médio e fundamental, ensino superior, etc.).

R- Uma escola de idioma e alunos particulares.

P3 - Qual sua formação acadêmica? Qual o ano de conclusão?

R – Sou formada em Letras. 1997

P4 - Onde, quando e por quanto tempo estudou a línguas estrangeira que leciona?

R - Estudei inglês na faculdade e depois com professores particulares. E fiz 6 meses de college nos Estados Unidos.

P5 - Como considera o seu nível de fluência na língua que leciona?

R – Fluente.

P6 - Qual sua experiência cultural in loco? Já residiu, visitou ou estudou em países falante da língua que leciona? Por quanto tempo? Quais os aspectos culturais que o marcaram durante sua estadia?

R – Já morei 13 meses nos Estados Unidos em casa de família americana.

P7 - O que é importante salientar em sala de aula sobre os aspectos culturais?

R – Acredito que é importante salientar as diferenças entre o Brasil e outros países. Desde os costumes de vestimenta, alimentação, até aspectos políticos e sociais.

P8 - Em sala de aula, você discute aspectos da cultura do país onde a língua que leciona é falada? Quais? Como? Exemplifique.

R – Sim, procuro discutir aspectos interessantes que estejam relacionados com a aula. Procuro trazer a realidade do nosso país para a discussão em inglês. Provoco os alunos com perguntas para que eles falem sua opinião sobre o assunto abordado. Por exemplo, como eles explicariam a história do presidente Lula para um estrangeiro. Quando surge uma palavra que eles não sabem, eles têm que tentar explicar usando apenas palavras em inglês...Nada de tradução. Vai ser assim quando ele estiver falando com um estrangeiro que não sabe português, então tentamos nos aproximar o máximo de uma situação real.

P9 - O seu aluno conhece países ou aspectos culturais do povo da língua em questão? Quais?

R – Eu acho que sim. Aspectos da vida cotidiana em geral. Talvez nada muito específico, mas no geral, sim. Por exemplo, o capitalismo agressivo dos americanos, a

forma mais culta e refinada dos ingleses, o jeito mais descontraído dos australianos, a diplomacia dos canadenses, etc.

P10 - Quais os recursos/estratégias que você usa para manter o contato com a língua que leciona para não perder a fluência?

R – Procuo sempre assistir filmes em inglês, ouvir músicas, ler jornais e revistas. Também procuro me comunicar com os próprios falantes nativos por meio de e-mails, telefonemas e até cartas. Quando estou conversando com outros brasileiros em inglês, tento observar o jeito como falam, a pronúncia, comparando sempre com os nativos. Assim tenho embasamento para melhorar meu desempenho.

P11 - Há tempo reservado nas aulas além dos exercícios previstos no material didático, para discussões relacionadas com os aspectos culturais da língua estudada?

R – Sim, tento sempre fazer alguma abordagem cultural no meio da aula. Uma frase, um ditado, um exemplo, ou algum fato do cotidiano, se tenho tempo tento trazer um texto de jornal ou revista com alguma notícia do Brasil, para que eles aprendam a falar de si mesmos com a língua estrangeira que estão aprendendo.

P12 - Como faz para abordar os aspectos culturais na prática durante as aulas?

R – Procuo trazer para a aula notícias que possam ser discutidas pelos alunos. Às vezes poesias ou crônicas com aspectos culturais, alguma expressão idiomática específica... ou com comportamentos de determinados povos, por exemplo: porque os jovens saem tão cedo da casa dos pais, ou para fazer a faculdade, etc. procuro comparar com a realidade de nossos jovens e debater as diferenças. Tento sempre mostrar que não existe um traço cultural ideal, mas que existem vários tipos de culturas e que é muito importante conhecermos, talvez não para concordarmos com esse ou aquele aspecto, mas sim para respeitarmos as diferenças.

P13 - Qual a importância da abordagem dos aspectos culturais no processo de ensino de língua estrangeira?

R – exatamente para que cada um de nós, professores e alunos saibamos a respeitar o outro, o diferente, aquilo que parece estranho, mas é só diferente.

P14 - Quais são as barreiras mais freqüentes enfrentadas pelos educadores nesse processo?

R – Acho que é ter o conhecimento. Saber identificar traços culturais de determinadas situações e saber como aproveitá-los em uma aula. Acho que tempo para essa pesquisa e talvez um processo de identificação sejam grandes barreiras. Porque se o professor tem a informação e sabe colocá-la de maneira interessante, isso será sempre pauta para as discussões e debates nas aulas. Um enriquecimento. Mas se não existe esse tipo de informação suficiente, como abordar o tema? Acho que essa é a maior barreira.

P15 - Quais são as vantagens para o aluno estudar os aspectos culturais de uma língua?

R – Ele aprende a se comunicar melhor, de maneira mais completa e profunda, porque vai poder se expressar com dados mais reais, vai estar melhor informado e, portanto, vai se tornar uma pessoa com um espírito mais crítico e uma visão mais profunda do mundo.

P16 - Como essas vantagens podem ser aplicadas de maneira prática na vida cotidiana?

R – Ao entender a cultura do outro, o aluno começa a aceitar melhor as diferenças, o que contribuem para a quebra de vários preconceitos que cada uma vai colecionando no decorrer da vida. Assim, por exemplo, se um dia ele se tiver um amigo alemão, que

discordar dele de maneira enfática e rígida, ele vai poder compreender que diante do contexto daquela cultura, o amigo alemão não estava sendo nem um pouco falso ou ríspido, nem tão pouco sem educação, mas sim, ele estava sendo, simplesmente, alemão, com uma das características culturais mais marcantes nesse contexto: a sinceridade.